



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**AS CONSTRUÇÕES COM VERBO *BOTAR*: ASPECTOS RELATIVOS
À GRAMATICALIZAÇÃO.**

Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

Fortaleza

2010

JULIANA GEÓRGIA GONÇALVES DE ARAÚJO

**AS CONSTRUÇÕES COM VERBO *BOTAR*: ASPECTOS
RELATIVOS À GRAMATICALIZAÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora:

Prof^ª.Dr^ª Márcia Teixeira Nogueira

Fortaleza- CE

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- A689c Araújo, Juliana Geórgia Gonçalves de.
As construções com verbo botar: aspectos relativos à gramaticalização / Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo. – 2011.
114 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.
Área de Concentração: Teoria e análise linguística.
Orientação: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.
1. Verbo botar. 2. Gramática comparada e geral – Gramaticalização. 3. Língua Portuguesa – Verbos. 4. Funcionalismo (Linguística). I. Título.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Orientadora

Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)
1º Examinador

Dra. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará (UFC)
2ª Examinadora

Dra. Emília Maria Peixoto Farias
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Suplente

Tese de Mestrado aprovada em 3 de dezembro de 2010.

Dedico este trabalho à minha família,
por me ajudar a tornar mais um sonho possível.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Márcia Teixeira Nogueira, pela sábia e competente orientação e pelo apoio e carinho durante esta trajetória.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, FUNCAP, pela bolsa de estudos concedida durante o curso.

Ao Grupo de Estudos em Funcionalismo – GELF, pela oportunidade de crescimento acadêmico.

À professora Doutora Claudete Lima, por despertar em mim a paixão pela Linguística.

À Natália Sampaio, pela amizade e companheirismo desde o início da graduação.

À Dulcilene Barreto, pela amizade e apoio em todos os momentos.

Às amigas Lidianeiza e Silmara, por compartilharem comigo as alegrias e as angústias.

Ao Francisco Ednardo, pelas discussões tão produtivas e instigantes.

À coordenadora em exercício, professora Doutora Mônica Magalhães, pela dedicação ao PPGL.

Aos secretários do PPGL Eduardo e Antônia, pela atenção e presteza.

A todos os meus amigos e colegas que direta ou indiretamente colaboraram com essa produção.

Muito obrigada!

RESUMO

A presente dissertação descreve o comportamento do verbo *botar* considerando, num *continuum* de gramaticalização, dois extremos para a categorização de suas extensões de uso: a de verbo predicador pleno e a de verbo-suporte. A pesquisa enfoca o uso das construções *botar* + SN/SP em Português e define as propriedades morfossintáticas e semânticas que *botar* assume ao se vincular a categoria de verbo-suporte. A investigação criteriosa sobre as propriedades de seleção de *botar* e seu comportamento sintático-semântico em construções *botar* + SN contou com dados pertencentes a *corpora* escritos e orais do português brasileiro e forneceu subsídios para se descreverem diferentes empregos de *botar* nesse tipo de estrutura e, assim, se delinear uma cadeia de gramaticalização de *botar* (de *verbo predicador* a *verbo-suporte*). Os resultados demonstram que a produtividade de *botar* por cada uma das duas variedades regionais (Rio de Janeiro e Ceará) é mais produtivo na norma popular oral do Ceará. No português oral culto de Fortaleza, constatamos uma frequência menor do verbo *botar*, confirmando nossa hipótese de que o processo de gramaticalização é mais lento na modalidade culta, embora, mesmo em menor quantidade, já haja indícios de gramaticalização. Após uma análise geral nos séculos XIX e XX, constatamos que há um aumento da frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos. Tal fato confirma que esse verbo está em processo de gramaticalização contínuo. Os resultados demonstraram ainda que as estruturas complexas com *botar* reúnem construções cujos componentes (verbo-suporte + elemento não-verbal) apresentam seis graus de integração. A descrição de cada um desses níveis (com os parâmetros definidos na análise e os exemplos extraídos dos *corpora*) explicitou que o verbo *botar*, na categoria de verbo-suporte, pode fazer parte tanto de estruturas mais integradas quanto de estruturas menos integradas, de acordo com que essas construções se aproximam ou se distanciam do protótipo de uma construção com verbo-suporte.

Palavras-chave: Funcionalismo. Gramaticalização. Verbo-suporte. *Botar*.

ABSTRACT

The present dissertation describes the behavior of the *botar* verb considering, in a grammaticalization continuum, two extremes for the categorization of its usage extensions: full verb predicator and support verb. The research focuses the use of *botar* constructions + NP/PP in Portuguese and it also defines the morphosyntactic and semantic properties that “botar” takes on when it is linked to the support verb category. The thorough investigation about the selection properties of *botar* and its syntactic-semantic behavior in *botar* constructions + NP counted with data that belong to the oral and written corpora from Brazilian Portuguese. The investigation provided subsidies to describe different usages of *botar* in the mentioned structure and, thus, delineate a grammaticalization chain of *botar* (from predicator verb to support verb). The results show that the productivity of *botar* for each one of the two regional varieties (Rio de Janeiro e Ceará) is more productive in the popular oral norm of Ceará. In the oral cultured Portuguese of Fortaleza, we noticed a smaller frequency of the *botar* verb, confirming our hypothesis of that the grammaticalization process is slower in the cultured modality, though, even in smaller amount, there are already grammaticalization evidences. After a general analysis in the XIX and XX centuries, we noticed that there is a frequency increase of the *botar* verb during the centuries. This fact confirms that the verb is in a continuous process of grammaticalization. The results also demonstrate that the complex structures with *botar* gather constructions whose components (support verb + non-verbal element) present six integration levels. The description of each one of these levels (with the parameters defined in the analysis and the examples extracted from the corpora) showed that the *botar* verb, in the support verb category, can take part in more integrated structures as well as in less integrated ones, depending on whether these constructions get closer or move away of the prototype of a construction with a support verb.

Keywords: Functionalism, Grammaticalization, Support verb. *Botar*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Exemplos de verbos plenos e suportes.....	19
Figura 1: construções com verbo botar.....	27
Quadro 2: <i>Corpora</i>	48
Quadro 3: Grau de integração 1.....	50
Quadro 4: Grau de integração 2.....	51
Quadro 5: Grau de integração 3.....	51
Quadro 6: Grau de integração 4.....	52
Quadro 7: Grau de integração 5.....	52
Quadro 8: Grau de integração 6.....	53
Quadro 9- Acepções do verbo botar nos dicionários.....	57
Quadro 10: Acepções de botar presentes no Dicionário Informal Eletrônico.....	59
Tabela 1: Extensões de sentido de botar.....	63
Gráfico 1: Acepções depreendidas dos usos de botar.....	65
Tabela 2: construções com verbo-suporte botar + SN/SP.....	67
Gráfico 2: construções com verbo-suporte.....	69
Gráfico 3: expressões cristalizadas.....	71
Quadro 11: expressões cristalizadas.....	71
Quadro 12: extensões semânticas de botar.....	72
Gráfico 4: Distribuição geral dos dados.....	74
Gráfico 5: frequência do item botar.....	76
Tabela 3: variedade regional.....	78
Gráfico 6: frequência do item botar em modalidade expressiva.....	79

Tabela 4: frequência do item botar por modalidade expressiva.....	80
Gráfico 7: produtividade das categorias funcionais do gênero notícia.....	81
Gráfico 8: frequência do verbo botar ao longo dos séculos XIX e XX.....	82
Tabela 5: frequência do verbo botar ao longo dos séculos XIX e XX.....	83
Figura 2: graus de integração que envolvem construções complexas com botar.....	85
Quadro 13: nível 1 de integração.....	86
Quadro 14: nível integração 2.....	87
Quadro 15: nível de integração 3.....	88
Quadro 16: nível de integração 4.....	89
Quadro 17: nível 5 de integração.....	91
Quadro 18: nível de integração 6	92
Tabela 6: variedade regional.....	100
Gráfico 9: variedade regional.....	100
Tabela 7: acepções da expressão “botar boneco”.....	101
Tabela 8: acepções da expressão “botar banca”.....	102
Gráfico 10: avaliação da expressão “botar boneco”.....	103
Gráfico 11: avaliação da expressão “botar banca”	104
Tabela 9: avaliação da mobilidade do SN/SP	104
Figura 3: Construção com verbo-suporte.....	105
Gráfico 12: avaliação da mobilidade do SN/SP.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS

Act: Actante

ADV: adjunto adverbial

SN (SNs): Sintagma(s) nominal (is)

SP: Sintagma preposicional

SV: sintagma verbal

CVSup: construção com verbo-suporte

CP: Corpus do Português

NORPOFOR: Norma Popular oral de Fortaleza

PORCUFORT: Português Culto Oral de Fortaleza

V: Verbo

VARPORT: Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. VERBO-SUPORTE.....	18
1.1.O conceito de verbo-suporte em estudos à luz da linguística moderna	18
1.2. Um conceito operacional de verbo-suporte-.....	21
1.3. Critérios de identificação das construções com <i>verbo-suporte</i>	22
2. O PARADIGMA FUNCIONALISTA.....	30
2.1.Pressupostos Teóricos Funcionalistas.....	30
2.1.1. Concepções de língua e gramática.....	30
2.1.2. Competência comunicativa.....	32
2.1.3. Integração entre sintaxe, semântica e pragmática.....	33
3. GRAMATICALIZAÇÃO.....	35
3.1. Os precursores da gramaticalização.....	36
3.2. Princípios de gramaticalização-	37
3.2.1. Proposta de Hopper.....	38
3.2.2. Proposta de Heine <i>et alii</i> (1991).....	39
3.2.3. A proposta de Bybee (2003).....	42
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
4.1. Caracterização, constituição e delimitação dos <i>corpora</i>.....	45
4.2. Categorias de análise.....	49
4.2.1. Para análise do fenômeno de gramaticalização de <i>botar</i> : de verbo predicador a verbo-suporte.....	49

4.2.2. Para medir o grau de integração entre o verbo-suporte <i>botar</i> e o elemento não-verbal.....	50
4.3. A descrição do teste de atitude.....	53
5. DESCRIÇÃO DO VERBO <i>BOTAR</i> E EXPANSÃO CATEGORIAL.....	56
5.1. Descrição do verbo <i>botar</i>.....	56
5.2. Expansão categorial de <i>botar</i>.....	60
5.2.1. Verbo predicador pleno.....	60
5.2.2. Verbo predicador estendido.....	62
5.2.3. Verbo-suporte.....	66
6. A PRODUTIVIDADE DO ITEM <i>BOTAR</i> EM CONTEXTOS DE USO.....	74
6.1. Distribuição geral dos dados.....	74
6.1. 1. Distribuição dos dados por variedade regional.....	76
6.1. 2. Distribuição dos dados por modalidade expressiva.....	79
6.1. 3. Distribuição dos dados por gênero notícia.....	81
6.2. Distribuição dos dados pelos séculos XIX e XX.....	82
7. ANÁLISE DO FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>BOTAR</i>.....	84
7.1. Graus de integração entre o verbo-suporte <i>botar</i> e o elemento não verbal.....	84
7.2. Uma cadeia de gramaticalização.....	96
8. TESTES DE ATITUDES REFERENTES AO FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>BOTAR</i>: VERBO-SUPORTE.....	99
8.1. Objetivo dos testes.....	99
8.2. Configuração dos testes e análise dos resultados obtidos.....	99
CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	111
ANEXO.....	114

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, descrevemos o comportamento semântico-sintático de empregos do verbo *botar*, discutindo, a partir dessa descrição do uso efetivo do item, as categorias funcionais em que ele pode ser inserido.

Percebemos que alguns dicionários, em sua maioria, apenas descrevem *botar* como um verbo predicador, ou seja, como único (ou principal) responsável pela projeção de argumentos e pela configuração semântica e estrutural.

Como, em geral, não se menciona o uso de *botar* em outras categorias funcionais e, mesmo quando é abordado como verbo pleno, não se detalham as possibilidades de configuração semântico-sintática desse item lexical, entendemos que é necessário fazer um estudo aprofundado do comportamento desse verbo. Consideramos importante descrever as configurações sintático-semânticas com que se usa *botar* e as funções a que esse item pode servir, por ser esta uma oportunidade para rediscutirem-se critérios e parâmetros referidos na literatura linguística, para o reconhecimento dos fenômenos da gramaticalização. Para tanto, descrevemos as categorias às quais *botar* pode vir a pertencer, enfatizando a sua (semi-)gramaticalização em alguns contextos e descrevendo funcionalmente seus usos.

Após a descrição das predicções de que *botar* participa e a categorização desse item, a pesquisa centra-se nas predicções em que esse item lexical revela algum grau de gramaticalização, descrevendo as propriedades que *botar* assume ao se comportar como verbo-suporte, averiguando graus de integração entre os componentes que se aliam na composição de predicadores complexos (verbo-nominais).

Fortunato (2009) afirma a dificuldade de o pesquisador desenvolver um trabalho com construções com verbo-suporte com base apenas na teoria da gramaticalização deve-se ao fato de que as expressões com verbo-suporte se encontram num “limbo” entre o léxico e a gramática. De acordo com Fortunato, as construções com verbo-suporte são combinações de verbo + um sintagma de base nominal, cujo grau de fixação sintático-semântica está entre o da combinação livre e o da fraseologia verbal. Os verbos que participam da construção com verbos-suporte passam por um processo de

esvaziamento semântico fazendo com que o centro de significação da frase se desloque para a expressão nominal. Pode-se dizer que eles “conjugam” o substantivo da parte nominal, transmitindo valores de modo, tempo, número, pessoa, aspecto, fazendo com que a predicação esteja a cargo do substantivo que figura como núcleo do sintagma nominal. Por construções com verbos-suporte entendemos estruturas diversas que podem estar em um variado grau de fixação, grau esse que é consagrado pela frequência de uso pelos falantes, portanto, idiossincrático e não previsível. Essa falta de regularidade é típica da formação de itens lexicais; portanto, podemos dizer que, embora o verbo que compõe esse tipo de construção sofra gramaticalização à medida que perde seus traços semânticos em prol dos traços semânticos da parte nominal, a expressão como um todo sofre lexicalização.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar, analisar e descrever as construções com o verbo-suporte *botar*, considerando, de modo integrado, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos no uso dessas construções na norma oral popular e na norma culta da cidade de Fortaleza. Como objetivos específicos, apresentamos os seguintes propósitos:

- analisar e descrever a estrutura interna das construções com verbos-suporte *botar*, observando as mudanças sintático-semânticas que sofrem em relação ao contexto sintático-semântico que lhe deu origem;
- estabelecer critérios para a identificação das construções com verbo-suporte, delimitando, no interior de um *continuum*, as estruturas com verbo predicador pleno, verbo predicador estendido e as estruturas com verbo-suporte;
- medir o grau de fixação sintático-semântica entre o verbo-suporte *botar* e o sintagma nominal, observando o nível de integração entre os elementos da construção;
- contrastar a frequência do item *botar* na variedade do Rio de Janeiro com a variedade oral popular cearense a fim de verificar se o fator geográfico influencia na produtividade desse item verbal;
- analisar a produtividade das construções com verbo *botar* nas modalidades culta e popular a fim de verificar se essas construções são mais frequentes na norma popular oral;

- verificar a produtividade das construções com verbo *botar* na modalidade escrita, gênero notícia e, por fim;
- verificar a frequência de *botar* ao longo dos séculos XIX a XX.

A pesquisa desenvolve-se a partir das seguintes hipóteses:

- As extensões de sentido do verbo *botar* são resultados do processo de gramaticalização.
- Quanto maior a integração entre o verbo e o elemento nominal, maior será a gramaticalização do item verbal.
- Pode-se optar pelo verbo-suporte para se obter maior adequação ao registro, isto é, a construção com verbo-suporte pode ser mais comum à fala coloquial.
- As construções com o item verbal *botar* é mais frequente na normal popular do Ceará, demonstrando ser, em certos contextos, exemplos de regionalismo.
- A natureza informal do gênero pesquisado faz com que ocorra um aumento da produtividade das construções com verbo-suporte nesse gênero.
- A frequência do elemento verbal é maior no século XX, demonstrando que *botar* está em um processo de gramaticalização contínuo.

Sabe-se que *botar*, em determinados contextos, atua com um comportamento sintático-semântico sistemático, aproximando-se de categorias gramaticais e podendo, dessa forma, ser funcionalmente descrito. Tal comportamento deve ser tratado na pressuposição de um *continuum* categorial. Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela necessidade de se avançar no conhecimento do processo de transferência categorial do item *botar*, que ocorre sob certos aspectos sintáticos e semânticos.

Como o nosso trabalho é de cunho funcionalista, nossa preocupação é observar a língua além da sua estrutura linguística, ou seja, assumimos que a língua não pode ser descrita satisfatoriamente sem a consideração do evento comunicativo. A análise não se restringe à estrutura interna da língua, mas volta-se principalmente para a situação comunicativa, a qual encerra o propósito do evento de fala, os participantes desse evento e o contexto discursivo. De acordo com esse paradigma, a língua está sujeita a mudanças, uma determinada forma pode surgir para melhor atender a necessidade comunicativa do falante. Desse modo, podemos afirmar que a língua é sistema de escolhas: dentro do sistema linguístico, o falante tem a liberdade organizacional, ou

seja, o falante processa estruturas regulares, mas é ele que faz as escolhas que levam a efeitos semântico-pragmáticos.

O falante dispõe de várias opções dentro do sistema linguístico, e ele deve fazer uso dessas opções de acordo com a sua intenção comunicativa. O usuário da língua tem a liberdade de escolher e organizar a expressão linguística conforme seus interesses com a situação de interação. A partir dessas escolhas linguísticas, construções passam a ter expressão dentro do sistema linguístico. Partindo desse princípio de que a língua é mutável e de que quem de fato a molda são os seus usuários, optamos por analisar o fenômeno da gramaticalização de verbos-suporte, por envolver construções amplamente utilizadas pelos usuários da língua portuguesa e por tratar-se de um fenômeno ainda pouco estudado.

Escolhemos para o nosso estudo o verbo *botar*, por considerarmos que esse verbo é bastante produtivo dentro no português oral do Brasil, principalmente na norma popular oral de Fortaleza. Além disso, observamos como os principais dicionaristas abordam as construções com verbo-suporte e verificamos as dificuldades encontradas para definir essas construções, o que se reflete nos verbetes dos dicionários. O verbete do verbo *botar* no Ferreira (2000) registra 26 acepções diferentes em uma única entrada lexical. No Houaiss (2001), há 4 acepções; no Aulete (2007), há 20. Nenhum dos dicionários observados afirma que o verbo *botar* pode pertencer à categoria de verbo-suporte. Borba (2002), no dicionário mais recente, se refere ao verbo *botar* na função de *verbo-suporte*: “*botar a baixo*”, “*botar a alma pela boca*”, contudo, o verbo presente nessas construções já está mais próximo de uma expressão estereotipada, idiomática, lexia do que de um verbo-suporte. Devido à falta de uma abordagem dessas construções com verbos-suporte em entradas lexicais nos dicionários monolíngues e de um estudo que diferencie o verbo-suporte da função de semi-instrumental, julgamos necessário um trabalho que vise descrever as construções com verbo *botar* para melhor compreendermos sua estrutura e funcionamento.

Nossa pesquisa pretende ainda contribuir para uma descrição geral do uso de verbo-suporte, fenômeno recorrente na língua, estabelecendo critérios para uma definição mais precisa do que se entende por construções com verbos-suporte, já que há expressões de diversa natureza abrigadas sob o mesmo rótulo.

Após a introdução, esta dissertação apresenta uma revisão da literatura linguística e gramatical no que tange a temas relacionados a este estudo sobre o verbo *botar*. No capítulo 2, apresentamos os pressupostos da teoria funcionalista. Em seguida, encontra-se o referencial teórico definido para este trabalho. O capítulo 4 aborda o enfoque metodológico utilizado para a elaboração desta pesquisa e os *corpora* utilizados. O capítulo 5 é dedicado à análise do verbo *botar*. Nesse capítulo, são encontradas as diferentes funções do verbo em estudo e suas principais características, bem como as possibilidades de configuração de predicacões com esse item. No capítulo 6, apresentamos a produtividade de *botar* em diversos contextos de uso. O capítulo 7 se dedica à descrição dos graus de gramaticalização do verbo *botar* e dos níveis de integração da construção. Em seguida, no capítulo 8, discutimos os resultados referentes à aplicação do teste de atitude. Por fim, apresentamos as principais conclusões a que chegamos por meio das discussões teóricas e das ocorrências registradas em nossos *corpora*.

1. VERBOS-SUPORTE

1.1. O conceito de verbo-suporte em estudos à luz da linguística moderna

Não é uma tarefa fácil expor uma definição precisa de verbo-suporte, apesar de tratar-se de um fenômeno estudado há bastante tempo¹. A dificuldade em relação à definição de verbo-suporte inicia-se na falta de um consenso entre os estudiosos em estabelecer um termo comum para tal categoria, ou seja, há várias terminologias na literatura para designar o mesmo fenômeno: *verbos leves* (Scher, 2000), *verbos-suporte* (Neves, 1996), *verbalizadores* (Borba, 1991). A definição dessa categoria também não é clara e unânime entre os pesquisadores que abordam esse assunto, conforme podemos observar a seguir.

Borba (1991, p. 78) afirma que os verbos-suporte ou verbalizadores são verbos vazios de significação léxica:

Os verbalizadores ou verbos-suporte que, **tornando-se vazios de significação léxica**, compõem sintagmas verbais complexos introduzindo predicados nominais cujo núcleo é um nome/adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (= predicativa) do nome/adjetivo que introduzem e verbo-suporte por suportarem ou expressarem categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa. Ex.: ter medo (=temer); abrir falência (=falar); ficar triste (entristecer-se); ser alegre, parecer feliz, etc.”(Grifo nosso)

Contudo, podemos notar, através dos exemplos propostos por Borba (1991), que esses verbos não são totalmente destituídos de significação léxica:

(1) *Lana ficou alegre*

(2) *Certas músicas dão alegria*

(3) *A escuridão mete medo nas crianças*

No exemplo (1), o verbo *ficar* não é privado de significação lexical, pois ainda permanece com a acepção de *tornar-se algo*. Em (2), o verbo também não está totalmente esvaziado, pois ainda apresenta a noção de *proporcionar*. Em (3), o verbo

¹ Introduzido na literatura linguística, de acordo com Scher (2003), inicialmente por Jespersen (1954), com a nomenclatura de *light verb*, traduzido para o português como *verbo leve*.

² Classificações feitas com base em Borba (1997).

³ Corpus do Português, Linguagem Falada: Recife: 340

⁴ Exemplo retirado de Biderman (2001)

também não está destituído de sua significação léxica, pois permanece com a acepção de *causar algo*.

É importante destacarmos que o esvaziamento semântico dos verbos-suporte não é absoluto, já que ele pode manter certos traços semânticos do verbo pleno que lhe deu origem, contribuindo, desse modo, para a formação semântica da construção. Como os exemplos apresentados no quadro 1 apontam:

Quadro 1: Exemplos de verbos plenos e suportes

Frases com verbo pleno	Classificação léxico-semântica do verbo pleno²	Frases com verbo-suporte	Classificação léxico-semântica do verbo-suporte
(4) <i>Ele ficou deitado a manhã inteira.</i>	Estado Acepção: “permanecer em uma posição”	(7) <i>Lana ficou alegre</i>	Processo Acepção: “Tornar-se”
(5) <i>O rapaz deu o bilhete ao garçom.</i>	Ação-processo Acepção: “entregar algo”	(8) <i>Certas músicas dão alegria</i>	Estado Acepção: “proporcionar/ oferecer algo”
(6) <i>O policial se meteu na briga do casal.</i>	Ação Acepção: “interferir”	(9) <i>A escuridão mete medo nas crianças</i>	Ação-processo Acepção: “causa/provocar”

Conforme pudemos observar a partir dos exemplos acima, o sentido da construção é formado pelo verbo-suporte + elemento nominal, contudo, esse verbo não se esvazia totalmente de sentido, mas adquire uma nova acepção ao ligar-se ao elemento nominal. No exemplo (4), o verbo pleno *ficar* possui a acepção de “permanecer em uma posição” e o valor semântico de estado. Esse verbo, na função de verbo-suporte, exemplo (7), possui a acepção de “tornar-se” e o valor semântico de processo, ou seja, o verbo não se esvazia ao passar para a categoria de verbo-suporte. Em (8), o verbo *dar* não tem seu sentido esvaziado, mas, juntamente com o sintagma nominal, forma o

² Classificações feitas com base em Borba (1997).

sentido da construção. O mesmo ocorre em (9), o verbo *meter* ainda conserva a noção de ação, transferindo essa noção para a construção “*meter medo*”. Desse modo, seria mais apropriado falarmos em graus de esvaziamento léxico-semântico do verbo ao invés de um esvaziamento absoluto.

Outra definição de verbo-suporte é dada por Neves (2003, p. 53):

Os verbos suportes são verbos de significado **bastante esvaziado** que formam **com seu complemento (objeto direto)**, um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua. (Grifo nosso)

Diferentemente de Borba (1997), Neves relativiza o esvaziamento semântico do verbo, pois não assevera a condição de “semanticamente vazio”, considerando, numa perspectiva escalar, que tais verbos são **bastante** esvaziado. Com relação à construção verbo-suporte + SN, a autora afirma que o verbo-suporte perde a sua natureza argumental em favor do sintagma nominal que passará a determinar os papéis temáticos da predicação; contudo, parece-nos contraditório afirmar que o SN é complemento do verbo-suporte, conforme expõe acima em sua definição, já que o verbo perde sua função de predicador.

Assim como Neves (2000), Vieira (2001, p.6) também relativiza o esvaziamento semântico do verbo-suporte, não descartando a contribuição verbal para a formação léxico semântica da construção, mas admitindo que o principal componente responsável pelo valor léxico-semântico da construção é o elemento nominal:

Verbo-suporte é um subtipo de verbo, **mais ou menos esvaziado semanticamente**, que opera sobre uma forma/unidade não-verbal (freqüentemente, de natureza substantiva), atribuindo-lhe função predicante na estruturação da cláusula, e, assim, auxilia a constituição de predicado complexo (Vsuporte + elemento nominal), **cujo potencial léxico-semântico é definido principalmente pelo componente não-verbal**. (Grifo nosso)

De acordo com Gomes (2005), os verbos-suporte são semanticamente vazios:

Os chamados verbos leves são aqueles **semanticamente vazios**, que, em geral se associam a um elemento nominal, responsável pelo significado principal da sentença. **Tal estrutura pode ser considerada como um composto verbal intransitivo**. (s/p.) (Grifo nosso)

O autor defende que o elemento nominal é o único responsável pelo significado da construção, não atribuindo significação ao verbo. Gomes afirma ainda que a construção verbo-suporte + elemento nominal é um composto verbal intransitivo, não admitindo, também, a função predicante do termo não-verbal. Contudo, podemos citar exemplo retirado dos nossos *corpora* que não confirma o caráter intransitivo da construção:

(10) *Ele bota a culpa no outro sempre* (NORPOFOR- inq. 11)

No exemplo (10), a construção *botar a culpa* exige o complemento *no outro*. Desse modo, não é coerente afirmarmos que a intransitividade é um traço comum a todas as construções com verbo-suporte.

1.2. Um conceito operacional de verbo-suporte

Conforme vimos, não é uma tarefa fácil definir a categoria de verbo-suporte devido à diversidade de nomenclaturas e definições referentes ao mesmo fenômeno. Desse modo, optamos por adotar, em nosso trabalho, um conceito operacional de verbo-suporte.

A posição adotada em nossa pesquisa assemelha-se à de Neves (2000) e Vieira (2001) que consideram que o verbo-suporte é uma categoria que sofre graus de esvaziamento léxico-semântico. Consideramos ainda que essa categoria verbal perde parte de sua significação como verbo pleno, mas mantém alguns traços gerais de seu sentido, entre os quais as noções de ação, processo, estado obtidos no conjunto verbo-suporte e elemento nominal. Podemos afirmar ainda que verbo-suporte forma com o elemento não verbal uma unidade léxico-semântica, perdendo sua natureza predicante, passando essa função a ser exercida pela construção verbo-suporte + elemento nominal. Vejamos os exemplos abaixo:

(11) *Coisa muito séria que podia ter sido colocada na constituinte eu se fosse presidente proíbia **botar nome** (...)* CP. 190r: Br.Rec³

No exemplo (11), o verbo *botar* possui a acepção de *colocar, pôr, denominar* e a noção de ação; o verbo não é totalmente esvaziado lexicalmente, pois contribui para o significado da construção.

³ Corpus do Português, Linguagem Falada: Recife: 340

(12) *Agora, não vai ser fácil **botar em prática** as novas medidas. No papel, o Estatuto do Torcedor é perfeito, e estádio, o ministro tem razão, deveria mesmo ser ...* (Google-<http://www.portalms.com.br/noticias/detalhe.asp?cod=959586628>)

Na sentença (12), *as novas medidas* é um complemento referente à construção *botar em prática* e não apenas ao verbo *botar*.

Em suma, observamos tratamentos distintos dados à categoria de verbo-suporte em estudos linguísticos, ou seja, a definição dessa categoria não é clara e unânime entre os pesquisadores que abordam esse assunto. Por isso, para nortear o nosso estudo, propomos um conceito operacional de *verbo-suporte*, fundado nos critérios de identificação detalhados a seguir.

1.3. Critérios de identificação das construções com *verbo-suporte*

Nesta seção, passamos a expor, de acordo com determinados autores, alguns critérios para a identificação das construções com verbo-suporte.

Lapa (1972), apesar de não usar o termo verbo-suporte, tece importantes considerações acerca do comportamento dessas construções. O autor chama *de grupos fraseológicos* o conjunto de palavras em que os elementos andam mais ou menos intimamente ligados para exprimir determinada ideia. Nesses grupos, há construções cujos elementos não perderam por completo a sua independência num extremo e, no outro, construções cuja coesão entre os elementos é absoluta. Às construções cujos elementos não perderam por completo a sua independência, Lapa (1972) denomina de séries fraseológicas:

(13) *O João tem automóvel.*

(14) *Esse homem tem fortuna.*

No exemplo (13), o autor afirma que a autonomia em relação aos elementos da predicação foi afetada. A falta de artigo contribui para ligar mais o verbo ao substantivo; *ter automóvel*, na opinião do autor, tende a formar certa unidade de pensamento, pois ao fato simples da posse anda ligada uma idéia acessória de grandeza.

No exemplo (14), o linguista afirma veementemente que se trata de uma locução fraseológica que corresponde a “ser rico” e enfatiza que os elementos *ter* e *fortuna* não

perderam por completo a sua independência. *Ter* ainda conserva o significado próprio de “possuir”.

Às construções em que a coesão dos termos é absoluta, Lapa (1972) denomina de unidades fraseológicas:

(15) *Tem cuidado, não vás lá!*

(16) *Ninguém tem nada a ver com isso.*

(17) *Foi ter com ele à festa.*

No exemplo (15), os dois elementos estão mais estreitamente ligados. Embora *cuidado* guarde ainda um pouco da sua significação, ocorre uma alteração de sentido com o verbo, cuja significação é “tomar”.

Nos exemplos (16) e (17), o autor afirma que não é possível compreender o sentido das construções observando cada elemento individualmente, mas sim o sentido obtido através do conjunto, pois os elementos já perderam por completo a independência. O linguista ressalta ainda que os limites entre as séries fraseológicas e as unidades fraseológicas nem sempre são tão claros.

Lapa (1972) trata ainda da identificação das unidades do léxico e apresenta dois critérios: coesão interna e separabilidade.

a) A coesão interna da palavra, segundo o autor, é uma das características da palavra é que ela tende a ser internamente estável (em termos da ordem dos morfemas componentes), mas posicionamente móvel (permutável com outras palavras na mesma sentença). Por exemplo: em português, em *refazer*, pode-se reconhecer uma palavra composta do verbo *fazer* + prefixo *re-*; já em *imprevisível*, acrescenta-se o prefixo *im-* e o sufixo *-ível*. Apesar de reconhecermos esses morfemas componentes, existe uma coesão interna sólida e indestrutível entre eles, de tal forma que não se pode inserir nada entre *re-* de *fazer*, ou entre *prever* e *-ível*.

Também em palavras como *guarda-roupa* e *para-brisa* não é possível inserir nenhum elemento entre o primeiro e o segundo elemento constituinte da palavra. Pottier (1978) chama essas palavras de *lexia*. Segundo ele, *lexia* é uma unidade lexical memorizada, por exemplo, *bem-te-vi* constitui uma unidade e não uma simples associação dos elementos *bem* + *te* + *vi*.

b) O princípio de permutação ou separabilidade é outro critério usado para isolar e identificar as unidades léxicas.

- (18) Vi a *lua* no céu.
Vi no céu a *lua*
No céu a *lua* vi
A *lua* no céu eu vi⁴

Vemos, no exemplo (18), que a palavra *lua*, embora sempre acompanhada do artigo, sofre mudança de posição na frase. Isto se dá sempre em bloco, uma vez que *lua* forma uma unidade de morfemas coesos, ou seja, é uma unidade estável internamente, que goza de liberdade de posição.

Vejam os tais critérios se aplicam a construções com verbo *botar*:

- (19) ***botou*** a boca no trombone como a gente diz (CP. 190r:Br:LF:Recf)⁵

Com relação à expressão *botou a boca no trombone*, através da aplicação do critério da coesão interna, podemos afirmar que se trata de uma unidade lexical, pois não é possível inserir nenhum elemento entre os constituintes sem que haja comprometimento do sentido da construção:

- (20) *Botou muito a boca no trombone

Através do princípio da permutação, também constatamos que *botou a boca no trombone* também é uma unidade lexical, pois não é permitido permutar os elementos da construção sem que o seu sentido seja alterado.

- (21) *Botou no trombone a boca

De acordo com Neves (2002), as construções com verbo-suporte compõem-se de:

- (i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- (ii) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da construção.

⁴ Exemplo retirado de Biderman (2001)

⁵ Linguagem Falada: Recife: 4

A autora afirma que essa construção dá margem a um conjunto variado de construções mais próximas ou mais distantes das construções propostas como protótipos. O protótipo dessa construção, de acordo com Neves (2002), tem um sintagma nominal não referencial como complemento do verbo-suporte. Por exemplo, em (20), *a boca* não funcionam como argumentos do verbo e, por isso, não é possível substituir por um pronome:

(21) *botou-a no trombone**

Podemos afirmar que os verbos-suporte operam uma seleção diferente na estrutura do predicado, pois não se trata tão somente de verbos predicadores exigindo complementos na estrutura do predicado da oração. Eles vêm acompanhados de um sintagma nominal ou sintagma preposicionado que não funciona como seu argumento, mas faz parte da própria construção: verbo + SN/SP. Dessa forma, é o conjunto verbo-suporte + SN/SP que pode vir a requerer complementos.

Segundo Fortunato (2009), o elemento não verbal, nas construções com verbo-suporte, passa a ser o centro da predicação, responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira. Portanto, à medida que a construção com verbo-suporte vai se tornando mais fixa, o SN deixa de ser argumento do verbo, passando a parte inerente deste e seus complementos serão complementos da estrutura inteira, conforme podemos observar na diferença entre os exemplos abaixo:

(22) Menina passava o dia na barriga dela - com aquela barriga muito grande sentava e **botava** a menina na barriga (CP. 190r:Br:LF:Recf)

<i>Ela</i>	<i>Botava</i>	<i>a menina</i>	<i>na barriga</i>
Suj (elíptico)	V	OD	Compl. Circunst.
	SV		

(23) Eu disse a ele que **botava fé** em mim como roteirista (CP. 190r. Br:Intrev) ⁶

<i>Eu</i>	<i>botava fé</i>	<i>em mim</i>	<i>como roteirista</i>
Suj (elíptico)	SV		
	CVSup	SP	ADV

⁶ Corpus do português- Entrevista

Em (22), o verbo *botar* é pleno, ou seja, é um verbo predicador que exige complementos na estrutura do predicado da oração. Desse modo, o SN (*a menina*) é o argumento exigido pelo verbo. Já em (23), o verbo *é*, também, acompanhado de um sintagma nominal, contudo, este não funciona como seu argumento, mas faz parte da construção verbo-suporte + SN. Dessa forma, é o conjunto verbo-suporte/sintagma nominal (*botar fé*) que requer o complemento (*em mim*) e configura o sentido do todo.

Segundo Fortunato (2009), as construções com verbo-suporte são combinações de verbo + um sintagma de base nominal cujo grau de fixação sintático-semântica está entre o da combinação livre e o da fraseologia verbal. A autora afirma que o verbo e a parte nominal, quando parte de uma fraseologia verbal, estão lexicalizados ao ponto de não favorecerem intercalação de elementos no seu interior e seu significado não corresponde à soma dos significados dos seus componentes.

Neves (2002) propõe para as construções com verbo-suporte um *continuum* diversificado internamente pelo grau de integração existente entre o verbo e o elemento nominal, admitindo que haja estruturas diversas de construções com verbo-suporte que podem estar em graus variados de fixação. A autora, assim como Fortunato (2009), classifica as construções com verbo-suporte num espaço intermédio entre dois extremos: num extremo, há expressões cristalizadas ou fossilizadas, que, segundo Neves (2002), apresentam-se como um bloco cristalizado em que existe um significado global unitário. Num outro extremo, certas combinações que reúnem os verbos plenos e nomes complementos. A linguista afirma ainda que determinadas construções V + SN se situam ora mais próximas de um extremo, ora mais próximas de outro, conforme o grau de “gramaticalização” a que tenha chegado o verbo que as integra.

Figura 1: construções com verbo *botar*

- Unidade lexical

+ Unidade lexical

Verbo pleno + nomes complementos	Construções com verbo-suporte	Expressões cristalizadas
--	----------------------------------	-----------------------------

Neves (2002) faz as seguintes observações a respeito das situações analisadas: para o elemento nominal objeto do verbo, o comportamento nas construções analisadas foi oposto (nas construções com verbo-suporte, trata-se de um SN; nas expressões cristalizadas, o elemento nominal apresenta soldadura com o verbo, não podendo ser considerado um SN). Enquanto nas expressões cristalizadas esse elemento não é um constituinte, ou seja, não tem autonomia, compondo um todo com o verbo, nas construções com verbo-suporte tal elemento se comporta como SN, isto é, como constituinte da oração. Por outro lado, os resultados da observação de tais construções, como um todo, mostraram-se idênticos: tanto as expressões cristalizadas quanto as construções com verbo-suporte são constituintes da oração enquanto sintagmas verbais. Além disso, podem compartilhar a condição de equivalência semântica com um verbo pleno, ou seja, podem ser substituídas por um verbo simples, pois têm autonomia semântica, corroborada pelo fato de que a soma dos significados das partes não corresponde ao significado do todo da construção.

Segundo essa proposta, a expressão idiomática deve ter duas características: ser lexicalmente complexa – isto é, deve compreender mais de um constituinte lexical – e ser um constituinte semântico único, ou, em outras palavras, um constituinte que não pode ser segmentado em constituintes semânticos elementares. Qualquer expressão que é divisível em constituintes semânticos é chamada de *não idiomática ou semanticamente transparente*. Nas construções com verbos-suporte, estes contribuem para o significado do todo, já que o seu esvaziamento semântico não é total. Por essa razão, tais estruturas não deveriam ser confundidas com as expressões idiomáticas, em que o significado do todo não é depreendido pela soma do significado de seus componentes.

Fortunato (2009) também traça uma delimitação entre as CVSup e as fraseologias verbais. A autora afirma que as construções cristalizadas se encontram no mais alto grau de fixação sintática, não permitindo a inserção de quaisquer elementos na sua estrutura, e semântica, estando completamente idiomatizadas, ou seja, não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes: o “significado não é a esperada união regular de A e B (‘A + B’) [...], mas um significado diferente ‘C’ [...], que não inclui nem ‘A’ nem ‘B’, conforme já apontava Lapa (1987). A pesquisadora defende a ideia de que as construções com verbo-suporte estão em

condição de semi-fixação em relação aos plenos, que se prestam a combinações livres, e às fraseologias, que apresentam fixação formal e semântica (idiomaticidade).

Em suma, defendemos, de acordo com o que foi exposto neste capítulo, que é mais adequado considerarmos que as construções com verbo-suporte encontram-se em um *continuum* diversificado internamente pelo grau de integração existente entre o verbo e o elemento nominal, admitindo estruturas diversas de construções com verbo-suporte. Desse modo, as construções com verbo-suporte encontram-se num espaço intermédio entre dois extremos: num extremo há os verbos plenos e num outro, há expressões cristalizadas ou fossilizadas.

É importante destacarmos que as construções com verbo-suporte suprem certas faltas no léxico da língua. Assim, em (23), por exemplo, a expressão *botar fé* não é equivalente a nenhum verbo pleno que lhe seja correspondente quanto ao sentido, naquele contexto comunicativo. Desse modo, o falante se utiliza de termos já existentes no léxico para construir expressões que sejam mais adequadas à situação comunicativa em que está inserido. Segundo Vieira (2003), a opção por predicado complexo possibilita a codificação de um sentido muitas vezes não obtido por uma forma verbal simples. Vários podem ser os motivos que levam o falante a optar pela escolha do verbo-suporte, como, por exemplo, a obtenção de efeitos reclamados pelas relações existentes entre os participantes do ato de comunicação, especialmente para a adequação de registro.

De acordo com Neves (1996), com a opção do falante pelo verbo-suporte, é possível se obterem “efeitos especiais” nos enunciados. Esses efeitos seriam de quatro espécies distintas: a obtenção de maior versatilidade sintática, a obtenção de maior adequação comunicativa, de maior precisão semântica, bem como de efeitos na configuração textual.

2. O PARADIGMA FUNCIONALISTA

O rótulo “linguística funcional” abriga vários modelos teóricos de tal modo que não podemos falar de uma teoria funcionalista, mas de “funcionalismos”. Conforme afirma Neves (2001), modelos que conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras do paradigma teórico em que eles se colocam.

Conforme observa Nichols (1984) o rótulo “funcionalismo”, em geral, é aplicado a três vertentes: uma conservadora, uma radical e uma moderada. O funcionalismo conservador limita-se a enfatizar a inadequação do modelo formalista (o qual compreende tanto o estruturalismo quanto o gerativismo), sem propor uma análise própria e, supostamente, mais adequada. O funcionalismo moderado aponta a inadequação do modelo formalista (tendência comum no modelo funcionalista), mas suscita uma análise da estrutura linguística. O funcionalismo extremado rejeita o conceito de estrutura e defende que as regras assentam na função e que não há restrições sintáticas. Esse último tipo de funcionalismo não valida a concepção saussuriana da língua, segundo a qual a língua é um sistema de signos que se relacionam reciprocamente (“a língua é um sistema”), e defende que a gramática se reduz ao discurso.

Não nos deteremos aqui a discutir os modelos funcionalistas isoladamente, em vez disso procuramos, nas seções seguintes, discorrer sobre as bases que unem todos eles.

2.1. Pressupostos Teóricos Funcionalistas

2.1.1. Concepções de língua e gramática

As vertentes funcionalistas compartilham a ideia de que a língua é um instrumento de comunicação que, como tal, não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar a sua estrutura gramatical. De acordo com essa abordagem, a língua é usada para satisfazer as necessidades comunicativas e cognitivas de seus falantes.

A análise funcionalista ultrapassa as fronteiras de um estudo baseado estritamente na forma e observa como determinada estrutura se comporta no momento da interação comunicativa. A língua, nessa perspectiva funcional, é concebida, primordialmente, como atividade sócio-interativa situada e não como um objeto autônomo, cuja análise da estrutura é desvinculada de seu uso em situações comunicativas.

Importa aos estudiosos a análise das frases “reais”, a saber, efetivamente realizadas, cuja interpretação vem em socorro o contexto, quer verbal, quer não verbal. É no enunciado realizado na situação comunicativa que se podem verificar as regularidades de que se deve ocupar a análise. A frase é uma unidade linguística que deve ser estudada não só internamente (isto é, levando-se em conta seus aspectos fonológico, morfológico e sintático), como também “externamente”, a saber, correlativamente ao contexto comunicativo.

Para a linguística funcional, a gramática é vista como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas, acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes e, desse modo, acabam por serem incorporadas à gramática de uma língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato.

Assim, para os funcionalistas, a língua não pode ser considerada totalmente independente de seus fatores externos, pois a gramática de uma língua é dinâmica e flexível. Sobre esse aspecto, lemos em Martelota *et al* (1996):

[...] tomada sincronicamente, a gramática de qualquer língua exige, simultaneamente, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos. Por alguma razão, certos padrões novos se estabilizam, o que resulta numa reformulação da gramática. (p.11)

Nesse contexto, a gramática é, como propõe DuBois (1985), um “sistema adaptativo”, ou seja, parcialmente autônomo – por ser um sistema – e, ao mesmo tempo, parcialmente suscetível a pressões externas – portanto, adaptativa. Nessa mesma linha, a gramática é caracterizada como “estrutura maleável” (BOLINGER, 1977) e “gramática emergente” (HOPPER, 1987). Para Hopper (1987), a expressão “gramática emergente” deve-se ao fato de que ou não existe gramática, ou esta é sempre emergente, porém nunca presente. Vemos, pois, que a gramática é assim compreendida como o sistema

constituído por regularidades decorrentes de pressões de uso, pressões essas que se relacionam aos propósitos comunicativos do falante, considerando as suas necessidades cognitivas e/ou interacionais.

2.1.2. Competência comunicativa

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural sempre tem como objetivo de verificar como se obtém a comunicação com essa língua, ou como os usuários dessa língua dela se utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente. O que se põe sob análise, portanto, é a chamada competência comunicativa. DIK (1989) diz que, quando se adota um ponto de vista funcionalista para o estudo de uma língua natural, tenta-se verificar como “opera” o usuário desta língua. O linguista compreende que o homem é muito mais que um animal linguístico e que no processo comunicativo estão envolvidas muitas funções humanas “mais elevadas” do que simplesmente a função linguística.

A competência comunicativa é definida, de acordo com a corrente funcionalista, como o conhecimento que o indivíduo, falante de uma língua natural, necessita possuir sobre como usar as formas linguísticas adequadamente, além de sua habilidade de se valer da linguagem como meio de interação social. É graças a essa competência comunicativa que o usuário da língua será capaz de identificar uma escolha linguística que melhor atenda à situação comunicativa.

Ao considerar a competência comunicativa, e não apenas linguística, dos usuários da língua, uma gramática funcional procura investigar as relações entre as expressões linguísticas e diversas capacidades. A capacidade linguística seria apenas uma das muitas capacidades que o ser humano utiliza em diferentes situações comunicativas. Assim, há vários tipos de capacidades envolvidas no uso da linguagem:

- capacidade epistêmica, pela qual o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado.
- Capacidade lógica, pela qual o usuário, com o conhecimento acumulado, pode compor outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio lógico (dedutivo e probabilístico).
- Capacidade perceptual, pela qual o usuário pode perceber seu ambiente e usar essa percepção para compor e interpretar expressões linguísticas.
- Capacidade social, pela qual o usuário determina “como” deve dizer adequando socialmente seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos, determina o uso

da linguagem em conformidade com o interlocutor, a situação e os objetivos comunicativos.

2.1.3. Integração entre sintaxe, semântica e pragmática.

Uma teoria baseada apenas na descrição da estrutura linguística sem levar em consideração o seu contexto de produção não dá conta de uma análise produtiva dos fenômenos da língua; dessa forma, o paradigma funcionalista, por estudar a língua em uso e por utilizar como correlato psicológico a competência comunicativa, veio a contribuir para o estudo contextualizado da língua, ou seja, as estruturas linguísticas não são ignoradas, mas vistas como mediadoras das interações verbais. O funcionalismo leva em conta regras de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, e as de ordem pragmática, que governam os padrões de interação verbal em que as expressões são usadas. Em suma, esse paradigma defende que, para estudar a língua de uma forma produtiva, a análise das expressões linguísticas não deve ser limitada a uma análise categorial de um elemento ou a uma análise isolada de um determinado componente, mas, sim, deve levar em conta a função de cada elemento em relação a todo o sistema linguístico (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) e em relação ao seu contexto de uso (pragmática), conforme defende Halliday (1985). Desse modo, o funcionalismo se preocupa com o estudo da utilização da língua em situação comunicativa, priorizando o componente pragmático, ao qual estariam interligados os componentes sintático e semântico.

Em suma, nossa pesquisa se enquadra na perspectiva funcionalista da linguagem. Em consonância com a abordagem funcionalista, consideramos uma análise que observe a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Para esse paradigma linguístico, o sistema não é autônomo, ele é sensível a pressões provenientes do uso, ou seja, a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico; essas funções externas contribuem para moldar a organização interna do sistema linguístico. Este deve ser estudado dentro do quadro de regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural. A língua, nessa perspectiva, é ainda considerada um sistema de escolhas: dentro do sistema linguístico, o falante tem a liberdade organizacional, ou seja, o falante processa estruturas regulares, mas é ele quem faz as escolhas que levam a efeitos de sentido e a efeitos pragmáticos. Por

exemplo, se há dois elementos em uso, não se pode considerar que haja duas estruturas de mesmo valor, já que essas duas opções, de que o falante dispõe, possuem funções diferentes. O falante, de maneira consciente ou não, faz suas escolhas a depender de sua intenção comunicativa. Assim, o que leva um falante à escolha por uma forma X ou Y deve-se, sobretudo, a determinadas propriedades discursivas que há em um contexto específico de comunicação. Por exemplo, a escolha que o falante faz entre um verbo pleno *botar* e uma construção com verbo-suporte *botar* + SN não é aleatória, mas dependerá do contexto comunicativo em que o falante está inserido.

3. GRAMATICALIZAÇÃO

Conforme comentamos, para a linguística funcional, a gramática é vista como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas, acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes e, desse modo, acabam por serem incorporadas à gramática da língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato. A gramática é assim compreendida como o sistema constituído por regularidades decorrentes de pressões de uso, pressões essas que se relacionam aos propósitos comunicativos do falante, considerando as suas necessidades cognitivas e/ou interacionais. Desse modo, a gramaticalização, conforme afirma Neves (2006), é um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo linguístico, pois reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele.

Os estudos de gramaticalização podem ser classificados segundo o tipo de trabalho ou método adotado para análise do fenômeno. Desse modo, os linguistas podem decidir entre duas perspectivas: diacrônica, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e desenvolvem-se na língua, ou sincrônica, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela atribuído pelos padrões de uso da língua. Há, contudo, a possibilidade de se casar essas duas perspectivas no que se convencionou chamar de *pancronicidade*, perspectiva esta adotada em nossa pesquisa.

Neste trabalho, visamos à identificação do processo da mudança categorial do item *botar*. Nessa perspectiva, o fenômeno da gramaticalização consiste num processo de transferência de itens lexicais à categoria gramatical ou de itens menos gramaticais a mais gramaticais, envolvendo, assim, uma nova categorização de itens linguísticos, conforme iremos observar adiante.

3.1. Os precursores da gramaticalização

A preocupação entre os linguistas em observar o processo pelo qual itens passam de uma categoria a outra não é recente, apesar de os estudos acerca da gramaticalização estarem em constantes discussões na contemporaneidade.

Meillet foi o primeiro estudioso a utilizar o termo *gramaticalização*. Ele definiu esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912/1948, *apud* NEVES, 2004, p. 113). Para o autor, é propriedade da gramaticalização a criação de novas formas, geradoras de categorias que causam uma reorganização do sistema. Além disso, Meillet associa gramaticalização a dois processos: analogia (processo pelo qual um novo modelo torna-se semelhante a um modelo já estabelecido) e reanálise (atribuição de caráter gramatical a uma palavra independente). Diante dessa concepção de Meillet, já podemos verificar, embora implicitamente, a concepção de gramaticalização enquanto mudança que não só prevê a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra autônoma, ou principal, como também a atribuição de um caráter mais gramatical a uma palavra já gramatical, ou seja, o trânsito das palavras acessórias ao estatuto das gramaticais.

Aproximadamente 50 anos depois de Meillet, Kurylowicz (1965/1975, *apud* CAMPBELL; JANDA, 2001) retoma o rótulo *gramaticalização* para se referir a um processo onde um morfema avança de um *status* lexical para gramatical e de menos gramatical para mais gramatical.

Em 1982, Christian Lehmann explicitou a definição de Meillet. De acordo com Lehmann, diacronicamente, gramaticalização é um processo em que lexemas gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. O autor considera a gradualidade como sendo característica da mudança e afirma que processos semânticos, sintáticos e fonológicos interagem na gramaticalização de um morfema e de construções.

Após os anos 90, a gramaticalização passou a ser mais amplamente estudada por diversos linguistas. De acordo com Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), o processo de gramaticalização pode ser observável em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical. Segundo esses autores, a gramaticalização ocorreria devido às necessidades de comunicação não-satisfeitas pelas formas existentes no sistema

linguístico e à existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas.

Em um estudo célebre, Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como processo pelo qual itens e construções lexicais, em certos contextos linguísticos, desempenham determinadas funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções. Segundo esses autores, a gramaticalização pode ser estudada sob o aspecto histórico, ou seja, com a investigação das fontes de formas gramaticais e os percursos típicos das mudanças que as afetam. A outra perspectiva é sincrônica, que lida com a gramaticalização fundamentalmente num recorte temporal. Nesse trabalho, os autores inovam ao tratar da gramaticalização dos processos de combinação de orações.

Um dos estudos mais recentes e polêmicos sobre gramaticalização é o de Castilho (2006), em cujos pressupostos teóricos está a idéia de que a língua é um componente pré-verbal, composto por uma espécie de multissistema. Essa é a razão por que ele admite que gramaticalização é apenas um dos processos constitutivos da língua e pode co-ocorrer com três outros principais processos que têm implicação direta no sistema linguístico; são eles: a lexicalização, a semanticização e a discursivização. Esses conjuntos de subsistemas passariam a ser reconhecidos como processos de criatividade linguística, orientados pelos princípios de ativação (remete a estratégias de projeção pragmática), de reativação (remete a estratégias de retomadas de traços) e o de desativação (remete a estratégias de silenciamento). A derivação entre os subsistemas é rejeitada veementemente.

3.2. Princípios de gramaticalização

Alguns autores tentam distinguir os princípios ou mecanismos que levam um item a se gramaticalizar. Entre os autores destacados em nosso trabalho, encontram-se Hopper (1991), que se ateve principalmente aos mecanismos subjacentes ao início do processo de gramaticalização e Heine *et alii* (1984), que foram os primeiros a tentar estabelecer princípios gerais do processo de gramaticalização para todas as línguas humanas. Consideramos ainda a proposta de Bybee (2003, p. 603), que reconhece o papel crucial da repetição no fenômeno da gramaticalização e caracteriza-o como “um processo pelo qual sequências de palavras ou morfemas frequentemente usados se

tornam automáticos como uma única unidade de processamento”, conforme veremos adiante.

3.2.1. Proposta de Hopper

Hopper (1987; 1991; 1996) propõe que o termo *gramaticalização* seja usado como sinônimo de “gramática”; isso porque, segundo ele, não existe uma gramática sincrônica estável, pois, de acordo com o autor, todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. Nessa direção, o autor entende a gramaticalização como o processo por meio do qual formas lexicais são pressionadas a servir como formas gramaticais.

Hopper (1991) procurou estudar os estágios iniciais de gramaticalização, ao contrário de Lehmann (1995), que se ateve a princípios de gramaticalização em estágios mais tardios.

Diante disso, Hopper (1991) sugere alguns princípios suplementares àqueles fornecidos por Lehmann, uma vez que apontam características da gramaticalização não somente em estágios mais tardios, facilmente identificáveis, mas também em estágios incipientes do processo, nos quais o fenômeno ocorre de modo variável, dificultando a caracterização da mudança como sendo, de fato, gramaticalização. Embora os princípios apresentados por Hopper (1991) não sejam postulados inéditos dentro do âmbito de estudos que envolvem a natureza e o curso da mudança linguística, assumem uma relevância especial no contexto da gramaticalização, uma vez que são potencialmente diagnósticos da emergência de formas e construções gramaticais e também dos diferentes graus da gramaticalização, sinalizando de onde ela reconhecidamente possa ter procedido, ainda que em estágios iniciais. Vejamos a descrição desses princípios:

1. Estratificação: novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as mais antigas. Consequentemente, ocorre certa interação e coexistência de “camadas” novas e antigas em um mesmo domínio, podendo correlacionar-se a itens particulares e/ou a registros sociolinguísticos. A diferença entre os itens envolvidos é tênue, o que os permite servir, inclusive, como variantes estilísticas (no sentido mais amplo do termo).

2. Divergência: a forma original coexiste como elemento autônomo ao lado da forma gramaticalizada (como afixo ou clítico). O item lexical sofre as mesmas

mudanças de um item lexical comum. As formas divergem funcionalmente, mas o par de múltiplas formas, resultantes desse princípio, tem uma etimologia comum. Este princípio explica a existência de formas com origem comum, porém desempenhando funções diferentes.

3. Especialização: dentro de um domínio funcional, é possível a existência de uma variedade de formas, apresentando diferentes nuances semânticas. Com o desenvolvimento do processo de gramaticalização, há um estreitamento de opções para se codificar uma determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, porque se encontra mais gramaticalizada, e, por isso, com significados mais gerais. Um indício bastante claro da especialização é o aumento da frequência de uso da forma em questão.

4. Persistência: há, tanto quanto seja gramaticalmente viável, uma manutenção de traços da forma fonte lexical e original na forma gramaticalizada, o que pode denunciar detalhes da história lexical nas próprias restrições sintáticas dessa forma gramaticalizada. Isso quer dizer que, mesmo depois de ser gramaticalizado, o item ainda traz sinais da sua origem no modo de organizar-se na estrutura da sentença e de significado do termo.

5. Descategorização: há perda dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. Assim, a forma em gramaticalização tende a perder ou mesmo neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos, responsáveis pela caracterização das formas plenas, passando a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, podendo, em alguns casos, chegar a zero.

3.2.2. Proposta de Heine *et alii* (1991)

De acordo com Heine *et alii* (1991, p. 29), o fenômeno da gramaticalização consiste num processo de transferência de itens lexicais à categoria gramatical ou de itens menos gramaticais a gramaticais, envolvendo, assim, uma nova categorização de itens linguísticos. Isso ocorre devido a motivações, ou seja, às necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da

existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes. Logo, o que motiva os novos usos e funções de formas linguísticas é a comunicação.

O surgimento de categorias (mais) gramaticais é unidirecional (parâmetro da unidirecionalidade), ou seja, somente é possível a transformação de itens menos gramaticais em itens mais gramaticais, mas o contrário não ocorre. Desse modo, as formas linguísticas de sentido mais concreto/lexical (facilmente acessíveis e delineáveis) passam a expressar conceitos mais abstratos/gramaticais e não *vice-versa*. Dessa forma, entende-se que as unidades linguísticas partem do sentido mais concreto (lexical) a mais abstrato (gramatical) no *continuum*.

Heine *et alii* (1991) comentam a frase de Givón sobre o fenômeno da gramaticalização, o qual se estabelece sob a hipótese de que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. A partir dessa frase, formulou-se a sentença “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” devido ao fato de estruturas discursivas se constituírem em estruturas sintáticas fechadas, conforme o esquema proposto por Givón:

(discurso > sintaxe > morfologia > morfofonema > zero)

A fim de prover mais detalhes sobre o processo de gramaticalização, Heine *et alii* (1991, p.29) citam três aspectos básicos de sua ocorrência que podem diferenciá-lo de outros fenômenos semelhantes:

1. [...] os conceitos de formação e de designação de vocábulos são diferentes, no processo de gramaticalização o primeiro precede o segundo; 2. (...) o uso de um dado termo lingüístico para um conceito novo envolve um processo de transferência conceptual pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente equiparados e o termo usado para um deles, denominado conceito fonte, é estendido para se referir a outro, denominado conceito alvo; 3. (...) o processo de transferência conceptual caracteriza-se por ser um ato criativo.⁷

A transferência conceptual, à qual os autores se referem na citação, promove a interação entre dois domínios envolvidos, em geral um domínio fonte (concreto, tipicamente lexical) e um domínio alvo (abstrato, gramatical). Os autores denominam *criatividade* a capacidade de realizar essas transições, de caráter unidirecional. Para

⁷ 1. (...) concept formation and naming are two different things and that in the process grammaticalization the former precedes the latter. (...) 2. (...) the use of a given linguistic term for a new concept involves a process whereby two different concepts are metaphorically equated and that the term used for one of them is extended also to refer to the other; 3. (...) conceptual transfer is a creative act. (HEINE *et alii*, 1991 p.29)

eles, a criatividade requer que os falantes adotem contextos e conceitos de uma forma que seja compreensível e adotada pela comunidade de fala.

Heine (1993) assume a existência de quatro parâmetros de gramaticalização envolvidos na inter-relação da expressão lingüística, vejamos:

A *dessemantização* ou *desbotamento* semântico corresponde a uma perda ou redução semântica do item linguístico. O uso de determinado item linguístico “X” em um contexto “Y” implica que “X” perde parte de seu sentido original, ou seja, aquela que é incompatível com “Y”. É resultado do uso de formas com significado concreto que são reinterpretadas em contextos específicos com sentidos gramaticais mais abstratos. A *dessemantização* é frequentemente estimulada por processos metafóricos. O item linguístico que sofre esse processo pode apresentar perda de uma de suas funções.

A *extensão* representa um ganho da pragmática. O elemento linguístico ganha propriedades características dos seus usos em novos contextos, mantendo reflexos do sentido original. Admite-se, nesse parâmetro, que a extensão ocorre quando um item lexical passa a ser usado em contextos ainda não utilizados anteriormente por ele. Por isso se diz que a mudança muitas vezes começa em novos contextos.

A *decatégorização* constitui uma perda morfossintática das propriedades características da forma fonte (original), incluindo a perda do *status* de independência do item da língua. Algumas propriedades importantes estão associadas à gramaticalização, como a perda da possibilidade de se flexionar e de sofrer morfologia derivacional, o prejuízo na impossibilidade de receber modificadores (como adjuntos), ausência da possibilidade de independência típica de forma autônoma e aumento de dependência em relação a outras formas, perda da liberdade sintática, ou seja, da possibilidade de se mover pela sentença, típica de elementos não gramaticalizados, como substantivos, a perda da possibilidade de sofrer referência anafórica, além da extinção de membros pertencentes ao mesmo paradigma gramatical.

A *erosão*, também chamada de *redução fonética*, compreende uma perda da substância fonética, o que faz com que o elemento linguístico se torne mais frequente em seu uso em mais contextos.

Heine *et alii* (1991) desenvolvem também o conceito de Cadeias de Gramaticalização, capaz de refletir ou reconstruir o processo que transforma significados mais concretos em mais abstratos. Esse conceito passa a ser usado em lugar de *continuum*. Isso ocorre porque, segundo os autores, na transição da categoria lexical para a gramatical há sempre algum tipo de sobreposição de ambas as estruturas envolvidas, sugerindo um processo de encadeamento.

Assim, entre dois extremos, há inúmeros estágios intermediários e a transmissão de um para outro ocorre de maneira gradual, havendo sempre aquele em que a estrutura precedente e a seguinte coexistem como variantes funcionais.

Podemos resumir as características das cadeias de gramaticalização a partir da representação abaixo e também a partir das propriedades formais que seguem:

$$A > (AB) > B \quad \dots \quad Y > (YZ) > Z$$

(i) As cadeias de gramaticalização representam pontos extremos do processo que se diferem uns dos outros em seu grau relativo de gramaticalização, em que Z corresponde a uma forma gramaticalizada de A.

(ii) Qualquer sentido ao longo desta cadeia pode ser definido com referência a esses pontos extremos, o que significa que, quanto mais próximo o sentido está de A, menos gramaticalizado ele é.

(iii) Os diferentes sentidos ao longo de uma cadeia também podem ser definidos a partir da relação de um com outro. Assim, um sentido à esquerda é menos gramaticalizado do que qualquer um a sua direita, e, quanto mais próximos estiverem dois sentidos, mais semelhantes em significado eles são e menos diferem seus relativos graus de gramaticalização.

(iv) Quanto mais distantes se encontrarem dois sentidos ao longo de uma cadeia, maiores são as chances de eles pertencerem a domínios cognitivos distintos. Assim, B pertence ao mesmo domínio cognitivo de A, mas a um domínio diferente de Y ou Z.

3.2.3. A proposta de Bybee

Bybee (2003) define gramaticalização como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical dentro de construções particulares, com

consequente generalização de sentidos, o que coloca, por sua vez, a gramática no âmbito de constantes mudanças, sendo criada e perdida gradualmente ao longo de trajetórias previsíveis e universais. Neste processo, chamado gramaticalização, uma construção usada com muita frequência torna-se automatizada como uma unidade de processamento individual que, em um segundo momento, assume uma função mais geral e abstrata.

Para a autora, a frequência tem um papel importante no processo de gramaticalização, pois além de ser o resultado dela, é o fator primário que contribui para esse processo de mudança. A partir dessa perspectiva, leva-se em conta o aumento da frequência de uma construção/expressão e não simplesmente o fato de um item lexical isolado tornar-se mais gramatical. Nesse sentido, atribui-se à repetição um papel crucial nos processos de gramaticalização. Em suma, sobre a frequência, (Bybee, 2003, p. 604) afirma que:

- (i) leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito: com o hábito o organismo para de responder o estímulo repetido da mesma forma;
- (ii) interfere na redução e na fusão fonológica com a repetição, condicionadas pelo uso da construção em sentenças contendo informação velha ou de fundo;
- (iii) condiciona uma autonomia maior para a construção, ou seja, seus componentes individuais perdem ou enfraquecem suas associações com outros usos dos mesmos itens;
- (iv) gera a perda de transparência semântica que, por sua vez, leva ao uso da construção em novos contextos, com novas associações, estabelecendo mudança semântica;
- (v) faz com que o sintagma freqüente e autônomo passe a ser mais “penetrado” (*entrenched*) na língua, preservando características morfossintáticas antigas.⁸

Segundo Bybee, há dois tipos distintos de frequência ou dois métodos para controlá-la. O primeiro mede a frequência de ocorrência (*token frequency*) e, o

⁸ (i) Frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation – the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeat stimulus. (ii) Phonological changes of reduction and fusion of grammaticizing constructions are conditioned by their high frequency and their use in the portions of the utterance containing old or backgrounded information. (iii) Increased frequency conditions a greater autonomy for a construction, which means that the individual components of the constructions (...) weaken or lose their association with other instances of the same item (...). (iv) The loss of semantic transparency accompanying the rift between the components of the grammaticizing construction and their lexical congeners allows the use of the phrase in new contexts with new pragmatic associations leading to semantic change. (v) Autonomy of a frequent phrase makes it more entrenched in the language and often conditions the preservations of the otherwise obsolete morphosyntactic characteristics. (Bybee, 2003, p. 604)

segundo, a frequência de tipo (*type frequency*), refere-se a um tipo de estrutura ou padrão em particular.

Alguns pesquisadores têm enfatizado a questão de que a gramaticalização é fruto de um processo de automatização ao qual as sequências linguísticas estão sujeitas. Para Company (2003, p. 28), a frequência de uso é um fator primordial na geração de uma mudança, pois “fixa o uso, o rotiniza, outorga apoio paradigmático e cria estabilidade no sistema”. Aplicando tais fatores no processo de gramaticalização, Bybee (2003) observa que a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica (ou generalização) de uma forma pelo hábito: formas tornam-se mais gerais e mais abstratas no significado. Essa perda de transparência semântica leva ao emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica.

De acordo com Bybee (2003), as construções gramaticais nascem por meio de repetições frequentes, e seus significados mudam através de processos de generalização e de inferências pragmáticas. Assim, as construções gramaticais podem ser caracterizadas como automatizadas, convencionalizadas. No entanto, seus significados e funções não são fixos e categóricos, ou seja, variam gradualmente com o tempo. Sendo assim, fator fundamental para o desenvolvimento das construções gramaticais é a língua em uso.

4. ENFOQUE METODOLÓGICO

4.1. Caracterização, constituição e delimitação dos *corpora*

A abordagem funcionalista defende que a língua deve ser analisada na interação social, importando aos estudiosos a análise das frases “reais”, isto é, efetivamente realizadas. Nessa perspectiva, a estrutura linguística deve ser estudada não só internamente (isto é, levando-se em conta seus aspectos fonológico, morfológico e sintático), como também “externamente”, a saber, correlativamente ao contexto comunicativo. Desse modo, como nosso trabalho é de base funcionalista, optamos por *corpora* que fossem coletados a partir de contextos reais de interação comunicativa.

Inicialmente, recorreremos a acervos de textos orais do Português Brasileiro para proceder à coleta de dados. O primeiro *corpus* escolhido para essa coleta pertence ao NORPOFOR – *Norma do Português Popular Oral de Fortaleza*.

Na constituição desse banco de dados, com a finalidade de deixar o informante o mais à vontade possível, de tal modo que a artificialidade da situação de pesquisa não interferisse nos resultados obtidos, o documentador deixou o informante falar espontaneamente sobre os temas de seu interesse e não o informa, em hipótese alguma, a respeito da finalidade linguística da documentação de seu falar. O NORPOFOR conta com inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Diálogos entre Dois Informantes (D2) e Elocuções Formais (EF). Os informantes deste *corpus* foram escolhidos com base na técnica de amostra aleatória. Foram sorteados setenta e cinco bairros de Fortaleza e, a partir destes, foram escolhidos os informantes da amostra final. Os informantes deveriam atender aos seguintes requisitos:

- a) ter pais cearenses, preferencialmente, fortalezenses;
- b) ser fortalezense nato ou morar nesta cidade desde os cinco anos de idade;
- c) nunca ter-se ausentado de Fortaleza por um período superior a dois anos.

Para a análise qualitativa, utilizamos 19 inquéritos do NORPOFOR que fazem parte dos diálogos entre dois informantes (D2) e diálogos entre informante e

documentador (DID), com o objetivo de verificar a frequência do verbo *botar* em contextos informais de comunicação.

Para o tratamento quantitativo dos dados, recorreremos ao programa conhecido como SSPS (*Statistical Program for Social Science*), versão 17.0.

A análise dos dados coletados ocorreu com base na observação das categorias às quais cada ocorrência de *botar* pertence, o que permitiu a depreensão de um *continuum* de gramaticalização.

Realizamos ainda uma consulta aos dicionários eletrônicos Ferreira (2000), Houaiss (2001), Aulete (2007), e os dicionários de Neves (2000) e Borba (2002) para verificar as acepções do verbo *botar*.

Utilizamos, para a constituição do nosso segundo *corpus*, o banco de dados do PORCUFORT- *Português Oral Culto de Fortaleza*. Esse banco foi organizado nos moldes do Projeto NURC – Norma Urbana Culta. O referido material consta de 62 inquéritos, distribuídos em: a) 13 inquéritos de Diálogo entre Dois Informantes (D2); b) 30 inquéritos de Diálogo entre Informante e Documentador (DID); c) 19 inquéritos de Elocuções Formais (EF), com informantes fortalezenses, em sua maioria, ou cearenses que pouco ou nunca se afastaram de seu Estado, de ambos os sexos, com formação superior, cujos pais são cearenses e, em sua maioria, fortalezenses. Os participantes foram distribuídos em três grupos, de acordo com a faixa etária:

- primeira faixa: de 25 a 39 anos;
- segunda faixa: de 40 a 50 anos;
- terceira faixa: de 50 a 70 anos ou mais.

Para a análise qualitativa, utilizamos os 19 inquéritos do PORCUFORT que fazem parte das elocuições formais (EF), com o objetivo de verificar a frequência do verbo *botar* em contextos onde há maior formalidade na comunicação.

Com o objetivo de verificar a produtividade das construções com verbo *botar* nas modalidades culta e popular, contrastamos o resultado da análise dos dados coletados na norma popular de Fortaleza com o resultado relativo à análise dos dados coletados na norma culta de Fortaleza.

Da análise de predicções com *botar* + SN, consideramos, também, os dados coletados no *Corpus do Português*⁹. O *corpus* utilizado advém de textos produzidos na modalidade escrita e oral das variedades brasileira e portuguesa, contempla uma variedade de textos: notícia, acadêmico e ficção. O *corpus* conta ainda com um vasto banco de dados, ao todo, 45 milhões de palavras, dos séculos XIV ao XX. Para observarmos o *continuum* do processo de gramaticalização, fizemos uma análise diacrônica a partir do recorte do século XIX a XX.

Para contrastarmos a frequência do item *botar* na variedade do Rio de Janeiro, com os dados coletados na variedade oral popular cearense (NORPOFOR), selecionamos dados extraídos do projeto VARPORT (Análise Contrastiva de Variedades do Português). Trata-se de um projeto de pesquisa que tem como principal objetivo confrontar a Língua Portuguesa de Portugal e do Brasil, de modo a descobrir se há, efetivamente, duas gramáticas que regem as diferentes variedades do Português. Para tal, o projeto trabalha com um *corpus* dividido em Português do Brasil (PB) e Português Europeu (PE) - escrito e falado. Neste trabalho, foi utilizado o *corpus* do Português do Brasil oral popular, que contém 24 inquéritos feitos nas décadas de 90 (do século XX) no estado do Rio de Janeiro.

Por fim, para verificarmos a produtividade das construções com verbo *botar* na modalidade escrita, foi utilizada a ferramenta de busca por meio de páginas eletrônicas da *Internet*, disponíveis no buscador *Google*, extraídas de fragmentos que fazem parte de textos do português brasileiro (notícias). Mesmo com a possibilidade de se submeterem a um processo de revisão textual, os textos coletados podem exibir dados com graus diferentes de (in)formalidade/uso: supõe-se que as notícias analisadas revelem uma linha que tende ao mais informal. Assim sendo, com essa distribuição, acredita-se poder avaliar ainda a relação entre esse tipo de influência e as extensões de uso de *botar*.

Optamos, em nossa pesquisa, por uma variedade de *corpus*, pois julgamos relevante observarmos o comportamento do item *botar* em diversos contextos de uso para que a descrição do comportamento desse verbo seja apropriada às várias situações comunicativas. Conforme afirma Tagnin (2002, p.162), o foco concentra-se no uso,

⁹ *Corpus* disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

medido pela frequência de ocorrências. Podemos nos basear nos dados e não somente em nossas intuições: “isso demonstra que uma busca num *corpus* produzirá colocações que estão em uso, ou seja, um *corpus* não fornecerá apenas a forma correta, mas principalmente a forma mais usual na língua sob investigação”.

Em suma, no quadro 2, apresentamos os *corpora* pesquisados e os seus respectivos objetivos.

Quadro 2: *Corpora*

<i>Corpora</i>	Objetivos
NORPOFOR – Norma do Português Popular Oral de Fortaleza	Verificar a produtividade das construções com verbo <i>botar</i> na modalidade popular.
PORCUFORT- Português Oral Culto de Fortaleza	Verificar a produtividade das construções com verbo <i>botar</i> na modalidade culta.
Corpus do Português	Observar o <i>continuum</i> do processo de gramaticalização, através de uma análise diacrônica a partir do recorte dos séculos XIX e XX.
VARPORT (Análise Contrastiva de Variedades do Português)	Contrastar a frequência do item <i>botar</i> na variedade do Rio de Janeiro com os dados coletados na variedade oral popular cearense (NORPOFOR).
Google (a ferramenta de busca por meio de páginas eletrônicas da Internet)	Verificar a produtividade das construções com verbo <i>botar</i> na modalidade escrita.

4.2. Categorias de análise

Para a análise das construções com verbo-suporte *botar*, consideramos os seguintes aspectos:

- (i) as categorias às quais cada ocorrência de *botar* pertence, o que permitiu a depreensão de um *continuum* de gramaticalização;
- (ii) os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos que influenciam a integração entre o verbo e os elementos da construção;
- (iii) os graus de integração entre o verbo e o elemento nominal.

4.2.1 Para análise do fenômeno de gramaticalização de *botar*: de verbo predicador a verbo-suporte.

Para observarmos a mudança categorial do verbo *botar*, consideramos, para nossa análise, as seguintes categorias das quais o verbo *botar* pode fazer parte:

A) verbo predicador pleno: para categorizar *botar* como verbo predicador pleno, são considerados como ponto de partida basicamente dois parâmetros: a primeira acepção mencionada pelos lexicógrafos em suas obras e as características configuracionais prototipicamente relacionadas a essa acepção (como, por exemplo, a animacidade do constituinte sujeito).

B) Verbo predicador estendido: o verbo predicador não-pleno é aquele em que o item lexical se afasta de seu primeiro sentido descrito nas obras lexicográficas, mostrando um comportamento morfossintático e/ou semântico diferente do verbo pleno: uma alteração, por exemplo, no estatuto de animacidade do sujeito.

C) Verbo-suporte: opera sobre um elemento não-verbal formando com este um predicado/predicador complexo, ou seja, uma unidade semântica, estrutural e funcional.

4.2.2. Para medir o grau de integração entre o verbo-suporte *botar* e o elemento não-verbal

Considerando-se aspectos como (i) estatuto de *botar*; (ii) possibilidade de adjunção de determinantes ou modificadores ao núcleo do elemento não-verbal; (iii) possibilidade de anteposição do elemento não-verbal em relação ao verbo-suporte e (iv) a natureza do elemento não-verbal incorporado ao verbo-suporte, foi possível chegar a seis graus de integração entre os elementos da construção com verbo *botar*.

Esses níveis de integração evidenciam um *continuum* das construções menos integradas às mais integradas. Vejamos a seguir os graus de integração e as descrições das principais características em que se podem categorizar as construções com verbo-suporte *botar*:

Quadro 3: Grau de integração 1

BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 1 [-integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome modificado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

Quadro 4: Grau de integração 2**BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 2 [+ integradas]**

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome modificado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

Quadro 5: Grau de integração 3**BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 3 [± integradas]**

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome não modificado ou com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

Quadro 6: Grau de integração 4**BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 4 [± integradas]**

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome não modificado, com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

Quadro 7: Grau de integração 5**BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 5 [+ integradas]**

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome não modificado ou obrigatoriamente modificado, possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal.
5. Impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

Quadro 8: Grau de integração 6**BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 6 [+ integradas]**

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome não modificado ou obrigatoriamente modificado, possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal;
5. Impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

4.3. A descrição do teste de atitude

A aplicação de testes de atitude pressupôs uma reflexão inicial sobre os seguintes tópicos: i) checar os principais parâmetros que influenciam na delimitação do grau de integração de algumas estruturas dos *corpora*, quais sejam: anteposição do SN, substituição do *botar* por outro item verbal. ii) verificar se fatores extralinguísticos como a região onde o falante habita influenciará nas escolhas linguísticas dos informantes. iii) observar se determinadas construções com verbo *botar* na variedade cearense podem ser consideradas casos de regionalismo.

Quanto ao tipo de teste, optou-se pelo método direto: o informante sabe que a pesquisa deseja conhecer como ele percebe ou emprega certas expressões linguísticas (opções de predicação).

O teste é composto por questionário de natureza fechada, pois optamos por perguntas objetivas com respostas relacionadas a um repertório de alternativas retiradas de nossos *corpora*.

O questionário é constituído por três questões: o objetivo da primeira questão do teste de atitude é observar se, de fato, a maior frequência do uso de *botar* pelos falantes da variedade cearense é um caso de regionalismo; em seguida, o segundo item analisa a aceitabilidade de duas construções, *botar boneco* e *botar banca*, *a priori* caracterizadas como tipicamente cearenses, como forma de checar se essas construções são casos de regionalismo e, por fim, a terceira questão verifica se os informantes consideram aceitável, quanto ao sentido, a permuta do elemento não-verbal da perífrase *botar* + SN.

5. DESCRIÇÃO DO VERBO *BOTAR* E EXPANSÃO CATEGORIAL

Neste capítulo, observamos como o verbo *botar* é descrito por alguns dicionários da língua portuguesa com o objetivo de verificar as acepções de *botar* descritas nas obras lexicográficas. Em seguida, descrevemos a expansão categorial desse item verbal com base no grau de afastamento do seu sentido primário na categoria de predicador pleno.

5.1. Descrição do verbo *botar*

Na análise de como alguns dicionários da língua portuguesa, dentre os quais, Houaiss (2001), Michaelis, (1998), Ferreira (2000), Borba (1991), Borba (2002) e o Dicionário eletrônico informal (*InFormal*), lidam com a categorização de *botar*, observamos que apenas uma obra, Borba (2002), descreve *botar* como pertencente também à categoria de *verbo-suporte*.

Houaiss (2001), ao descrever o verbo *botar*, expõe 22 acepções do verbo, mas não explicita a sua função de verbo-suporte, porém, cita exemplos em que *botar* exerce essa função, tais como:

(25) botou a culpa no colega

No exemplo (25) citado pelo autor, o verbo *botar* faz parte de uma construção com verbo-suporte, ou seja, forma uma unidade semântica junto com o elemento nominal. Embora descreva essa acepção de *botar* (*lançar à conta de; fazer recair sobre*), o autor não afirma que o verbo, nesse sentido, exerce a função de verbo-suporte.

Selecionamos 23 acepções de construções com o verbo *botar* expostas pelos lexicógrafos abaixo, as quais apresentaremos no quadro 9, a seguir.

Quadro 9- Acepções do verbo *botar* nos dicionários

Significados	Lexicógrafos	Exemplos dos dicionários
1. <i>Atribuir, imputar</i>	Houaiss /Ferreira	<i>“botou defeito em todo o mundo”</i> (Houaiss)
2. <i>Lançar à conta de; fazer recair sobre</i>	Houaiss	<i>“botou a culpa no colega”</i>
3. <i>Expelir</i>	Ferreira Borba (2002)	<i>“O doente botou muito sangue”</i> (Ferreira)
4. <i>Cobiçar</i>	Borba (1991)	<i>“Nada de botar olho grande no que não lhe pertence”</i>
5. <i>Tocar no ponto principal</i>	Borba (1991)	<i>“Está na hora de botar o dedo na ferida”</i>
6. <i>Gastar</i>	Ferreira	<i>“Botou fora tudo quanto ganha”</i>
7. <i>Gritar</i>	Michaelis / Borba (2002)	<i>“botou a boca no mundo e depois fugiu”</i> (Borba)
8. <i>Dizer a verdade</i>	Michaelis	<i>“Botar a carga abaixo”</i>
9. <i>Intrrometer-se</i>	Michaelis	<i>“Botar a colher”</i>
10. a) <i>fazer perder uma carreira, por imperícia;</i> b) <i>fazer perder uma ocasião propícia para a realização de um desejo;</i> c) <i>atrapalhar negócio de outrem</i>	Michaelis	<i>“Botar a corrida fora”</i>
11. <i>Preocupar-se com coisas de pouca importância</i>	Michaelis	<i>“Botar água a pinto”</i>
12. <i>Derrubar</i>	Michaelis/Borba (2002)	<i>“botando abaixo a monarquia”</i> (Borba)
13. <i>Pesar os prós e os contras; refletir.</i>	Michaelis	<i>“Botar as contas”</i>
14. <i>Expandir-se</i>	Michaelis/Borba (2002)	<i>“Botar as mangas de fora”</i> (Michaelis)
15. <i>Tomar formas adultas</i>	Michaelis/ Borba (2002)	<i>“Quando fui me botando mocinha”</i> (Borba)
16. <i>Cantar serenatas</i>	Michaelis	<i>“Botar o peito no sereno”</i>
17. <i>Iniciar uma viagem</i>	Michaelis	<i>“Botar o pé no caminho”</i>
18. <i>Correr, fugir</i>	Michaelis	<i>“Botar o pé no mundo”</i>
19. <i>Falar mal de alguém</i>	Michaelis	<i>“Botar os cachorros”</i>
20. <i>Enganar, tapear</i>	Michaelis	<i>“Botar poeira nos olhos”</i>
21. <i>Reparar</i>	Borba (2002)	<i>“Habib ia muito animado, botando reparo em tudo”</i>
22. <i>Estar muito cansado</i>	Borba (2002)	<i>“Chegou em casa botando a alma pela boca”</i>
23. <i>Despedir, expulsar</i>	Borba (2002)	<i>“(…) botava na rua e depois chamava de volta”</i>

As construções destacadas em negrito podem ser consideradas totalmente lexicalizadas, pois não é possível compreender seu sentido pelo conhecimento dos

termos que dela fazem parte, ou seja, não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes.

Podemos observar que há uma incoerência na opção pela exposição dessas construções no corpo dos verbetes observados, como se fossem acepções de *botar*, pois, na verdade, devido à idiomaticidade que as caracteriza, tais expressões deveriam ser apresentadas em sub-entradas após as demais acepções do item. Observamos também que as expressões sublinhadas do quadro não são totalmente lexicalizadas, pois um de seus componentes, o verbo *botar*, preserva, ainda que metaforicamente, o seu significado original (*botar* – noção de transferência), ou seja, não está totalmente esvaziado.

As acepções identificadas nos dicionários acima relacionam-se a construções que vão desde construções com verbo-suporte a expressões cristalizadas, evidenciando que há um limite tênue entre essas duas construções.

Entre os lexicógrafos, conforme já afirmamos, apenas Borba (2002) deixa explícito que o verbo *botar* pode pertencer à categoria de *verbo- suporte*, contudo os outros autores não ignoram que o verbo *botar* pode se ligar a um elemento não-verbal formando uma unidade de sentido, embora não usem a terminologia verbo-suporte para nomear essas construções.

Dos dicionários pesquisados, os que mais contemplaram acepções obtidas a partir da união do verbo com um elemento nominal foram Michaelis (1998) e Borba (2002). Houaiss (2001) e Ferreira (2000) descrevem acepções das construções com *botar* num sentido mais geral, diferentemente dos outros lexicógrafos pesquisados que citam acepções mais específicas, próximas de regionalismos. Por exemplo, a acepção “*Preocupar-se com coisas de pouca importância*”, item 11, não foi encontrada entre as ocorrências analisadas na norma culta e na norma popular de Fortaleza. Outra acepção que também não nos é comum na norma culta e popular de Fortaleza é: “*Pesar os prós e os contras; refletir*”, item 13. Contudo, há acepções que são mais gerais, ou seja, parecem comuns a todos os falantes do português, por exemplo, “*cobiçar*”, item 4, em “*Nada de botar olho grande no que não lhe pertence*”.

Essa pesquisa realizada nas obras lexicográficas demonstra que os dicionaristas divergem quanto às acepções das construções *botar* + elemento nominal, mostrando que essas construções, em sua maioria, podem ser exemplos de regionalismo.

Optamos por expor separadamente as acepções de *botar* encontradas no dicionário informal eletrônico (*InFormal*) por este se diferenciar dos dicionários já aqui

citados. *InFormal* é um dicionário virtual onde os verbetes são criados e definidos constantemente pelos próprios usuários de diversas regiões do país. Encontramos 17 construções das quais o verbo *botar* faz parte, cada construção corresponde a uma entrada lexical. As acepções expostas pelo dicionário são extraídas de contextos informais de comunicação, tal fato corrobora nossa hipótese de que os usos do verbo *botar* são mais frequentes em situações de comunicação mais informais. Expomos a seguir as acepções de *botar* encontradas no dicionário *InFormal*:

Quadro 10: Acepções de *botar* presentes no Dicionário Informal Eletrônico

Entrada lexical	Acepções
1. Botar	<i>Colocar, pôr</i>
2. Botar banca	Convencido
3. Botar a barba de molho	<i>Ficar de sobreaviso, acautelar-se, prevenir-se Ficar tranqüilo, descansar...</i>
4. Botar a boca no trombone	<i>Denunciar; gritar.</i>
5. Botar a cigarra pra cantar	<i>Urinar</i>
6. Botar os morenos pra nadar	<i>Defecar</i>
7. Botar boneco	<i>1. Fazer confusão, arranjar encrenca 2. Fazer extravagâncias quando em estado de embriaguez. 3. Demorar para fazer alguma coisa; embromar. 4. Fazer brincadeiras com os amigos; "zoar".</i>
8. Botar fé	<i>Acreditar com vontade. Ter fé.</i>
9. Botar lenha	<i>Incentivar, apoiar.</i>
10. Botar lenha na fogueira	<i>Agitar um assunto, apoiar, incentivar.</i>
11. Botar pra quebrar	<i>Executar algo com grande vontade, com força.</i>
12. Botar nisso	<i>Expressão usada para incentivo, desejo, aspiração</i>
13. Botar no mato	<i>Esbanjar; desperdiçar; jogar fora; vender muito barato.</i>
14. Botar no pau	<i>Processar, entrar com ação judicial.</i>
15. Botar o burro na sombra	<i>Conquistar tranquilidade. Poder desfrutar de um estilo de vida faustoso, com regalias. Geralmente associado a não precisar trabalhar.</i>
16. Botar o pau na mesa	<i>Impor-se, se colocar diante de uma situação, mostrar quem manda.</i>
17. Botar os bofes pra fora	<i>Vomitare</i>

As expressões em negrito representam aquelas construções que se encontram totalmente lexicalizadas, pois, como já afirmamos, apresentam-se como um bloco cristalizado em que existe um significado global unitário.

A maioria das acepções descritas no dicionário *InFormal* foi encontrada em nossos *corpora*. Julgamos que tal fato se deve à proximidade que o dicionário tem da

variedade oral popular, pois, conforme observado, os verbetes são criados e definidos constantemente pelos próprios usuários de diversas regiões do país.

5.2. Expansão categorial de *botar*

A partir das análises de predicções com *botar* + SN encontradas em nossos *corpora*, observamos que esse item verbal pode pertencer a diferentes categorias, a depender do modo como se comporta na predicção e do contexto onde ocorre, podendo assumir comportamentos (mais ou menos) gramaticalizados de acordo com a função que assume nas predicções. Descrevemos, a seguir, as categorias às quais *botar* pode pertencer: *verbo predicador pleno*, *verbo predicador estendido* e *verbo-suporte*.

Como já afirmamos nessa pesquisa, categorizar é separar elementos diversificados compostos de propriedades semelhantes. Desse modo, o critério pertinente para a categorização de *botar* foi o grau de afastamento da extensão de sentido do predicador pleno.

5.2.1. Verbo predicador pleno

Nessa categoria, enquadra-se o uso primário do verbo *botar*, ou seja, aquele que tem como significado básico “deslocar/conduzir algo ou alguém para um determinado lugar”, “pôr/colocar”, denotando valor de movimento de um objeto no espaço geográfico.

Nesta função, *botar* apresenta autonomia verbal e comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicção, ou seja, é o responsável pela definição de uma estrutura argumental e pela atribuição de papel temático, envolvendo três argumentos: (i) sujeito- agente, (ii) objeto- afetado pela ação verbal e um (iii) locativo.

A configuração de *botar* como verbo predicador pleno apresenta-se da seguinte forma:

[Act1 *botar* Act2 Act3]

[(Act1): agente; participante que controla o deslocamento] – manifesta-se como sujeito animado, volitivo (tem a intenção de agir), tem o controle sobre a ação e possui o traço [+concreto]

[(Act2): objetivo - é o afetado pelo evento: participante que é deslocado para lugar físico], possui os traços [+concreto] e [+/-animado]

[(Act3): locativo – lugar físico para onde o participante é transportado /deslocamento]

[V: ação-processo – expressa a ação causada pelo sujeito agente afetando o complemento que sofre uma mudança de posição geográfica]

De um modo geral, há algumas situações em que um dos actantes podem não estar presentes na oração, pois tais informações podem ser, num contexto comunicativo determinado, recuperáveis.

(25) Conto que a galera venha assistir à peça, para eu pagar meu aluguel, **botar** gasolina no meu Fusquinha, e pagar a minha funcionária (empregada doméstica), (...). (Google-<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem.html>)

(26) Ao pegar o dinheiro e *botar* no bolso, os policiais apareceram e deram voz de prisão. Ele foi atado por crime de concussão, com pena que pode chegar a oito (...). (Google-<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/08/02/guarda-municipal-presos-por-corrupcao-917302888.asp>)

(27) Meu maior prazer não era fazer o gol nem chutar forte, ficava satisfeito de **botar** um companheiro na cara do gol para ele marcar (...). (Google-<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias>)

(28) Ele pegou o carro do patrão, **botou** o meu neto dentro e levou”, disse (...). (Google-<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/08/ouvi-o-tiro-e-vi-meu-neto-no-chao-conta-avo-de-jovem-morto-em-sp.html>)

Encaixa-se nessa categoria o emprego do verbo principal *botar* mais recorrente em todas as descrições dos lexicógrafos consultados. Os actantes 1, expressos nos exemplos (25) a (28), representam o papel temático de agente responsável pelo controle da ação de deslocamento do objeto, apresentam o traço [+concreto] e [animado]. O verbo *botar* expressa a ação de movimento causada pelo sujeito agente, afetando o actante 2, que sofre uma mudança de posição espacial. No exemplo (25), “botar gasolina no meu Fusquinha” expressa a movimentação de um líquido “gasolina” para um lugar determinado “Fusquinha”. Os actantes locativos dos enunciados destacados

representam a ideia de um lugar concreto [*meu Fusquinha/ no bolso/ na cara do gol/dentro* (carro do patrão)].

(29) Botar a carga em um caminhão é muito mais rápido e mais fácil do que realizar o transporte via cabotagem. (Google- <http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=30922>)

(30) Aos 17 minutos, Rogério Lourenço sacou Vinícius Pacheco e botou Camacho. (Google-<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias>)

(31) A atriz disse que não colocou prótese nos seios: "Não **botei** silicone. A única explicação é que nós mulheres, quando menstruamos, o peito incha. (Google-<http://odia.terra.com.br/portal/diversaoetv/html/>)

Nos exemplos (29), (30) e (31), alguns actantes não estão explícitos na predicação. No exemplo (29), o actante 1 está indeterminado, não é possível identificar o sujeito responsável pela ação verbal. No exemplo (30), o actante está apagado, embora, pelo contexto (trata-se de uma notícia de uma partida de futebol), seja possível compreender o lugar de onde se dá o deslocamento (no campo de futebol). No enunciado (31), também é possível recuperar o sentido do actante locativo não expresso sem que haja necessidade de explicitá-lo, pois tal informação (*nos seios*) já foi fornecida, sendo redundante sua repetição. Tais exemplos demonstram que, embora o verbo exija os actantes, nem sempre eles estão presentes nos enunciados, pois, nas situações descritas em (29) a (31), a ausência desses argumentos na predicação não compromete a compreensão do sentido do enunciado, nem diz respeito a uma redução na valência do verbo.

5.2.2. Verbo predicador estendido

Na categoria de predicador estendido, *botar*, embora continue a constituir o núcleo predicante da sentença e a apresentar comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicação, apresenta um comportamento sintático-semântico diferenciado da categoria anterior. O verbo não apresenta somente a noção de movimento de um participante em espaço geográfico, mas sim extensões de sentido mais ou menos afastadas dessa sua primeira acepção. Nessa categoria, o verbo *botar* passa a ter relação de equivalência com outros verbos predicadores (quase) sinônimos, conforme podemos observar nos exemplos (32) e (33):

(32) Às dez da noite, meu pai *botava* todo mundo para dentro de casa para dormir. E, aqui no Rio, onze da noite era quando o pessoal começava a sair de casa. (Google-<http://odia.terra.com.br/portal/diversaoetv/html/>)

(33) Com três minutos, Everlan **botou** uma bola na trave e um minuto depois, o mesmo Everlan pegou uma sobra do chute de Peixinho e fez o primeiro do Azulão. 1 x 0. (Google-<http://odia.terra.com.br/portal/diversaoetv/HTML>)

Nos exemplos acima, os verbos ainda possuem a noção de deslocamento espacial, contudo, podemos substituí-los, sem nenhum prejuízo de sentido, por outros verbos com sentido equivalente, como: *mandar* e *jogar*, respectivamente, que são também verbos predicadores.

Na tabela 1, mostramos as extensões de sentido de *botar* mais produtivas nos *corpora* pesquisados:

Tabela 1: Extensões de sentido de *botar*

Acepções	Total	Exemplos
1. Empregar/ contratar	12,8%	“ <i>porque eu não tinha quem cuidasse...ai eu já estava casada né(tinha meus filhos) não tinha quem cuidasse deles...eu botava empregada não dava certo não dava certo aí eu saí</i> ” (NORPOFORT- inq 63)
2. Matricular	12%	“ <i>ele... ele vai... ele vai... () lhe leVA::ram pra lhe botar no colégio... não lhe (internaram) não... eu digo... não... nem eu nem a A. ..</i> ” (NORPOFORT- inq 21)
3. Vestir	9,4%	“ <i>(...) tem mais tempo de que ele pegaram ele com batom pintaram ele todinho porque ele se vestia de mulher botaram roupa nele e tudo e botaram peruca nele porque eles sabe que se vestia de mulher</i> ” (NORPOFORT-inq 9)
4. Escrever	8,5%	“ <i>(...) eu nunca esqueci um dia ele escreveu uma carta pra mãe dele lá no interior aí o A. (...) ele botou guia ia botar guia botou guia aí o A. fez assim ((barulho da guia)) arrumação da guia aquele (...) mangava tan:::to dele</i> ” (NORPOFORT-inq 9)
5. Montar/abrir/estabelecer	7,7%	“ <i>oh meu sonho é botar uma... uma () uma oficina técnica em computação (em) computadores</i> ” (NORPOFORT- inq 29)

6. Jogar/arremessar	6,8%	“Aos 40 do segundo tempo o time de Feira de Santana ainda botou uma bola na trave, mas o resultado acabou mesmo com a vitória do CRB.” (Google- http://www.correio24horas.com.br/blogs/pagina-impar/?p=654)
7. Incluir	5,1%	“por outra língua... por outra disciplina... outra matéria qualquer... digamo/ Matemática em vez de vamo/ botar mais duas aula/ de Matemática ou mais duas de Português ou mais duas de História” (PORCUFORT- n D2. 39)
8. Construir	5,1%	“ Botaram o shopping no lugar errado e levaram o nome do nosso santo para lá. – Vai dificultar o acesso a essa obra de arte. Se com duas (pistas) já é difícil.” (Google- http://wp.clicrbs.com.br/cirofabres)
9. Lançar	4,3%	“Durante esse período a empresa não fica impedida de comercializar. No entanto, ela tem que analisar 100% dos lotes produzidos antes de botar no comércio. Essa é a garantia que nós damos ao consumidor de que, mesmo uma empresa durante o regime especial, ela não vai colocar no comércio um produto fora da especificação.” (Google- http://globoruraltv.globo.com/GRural)
10. Marcar/agendar	3,4%	“ainda vai haver outra semana aí... queriam botar p/ fiNAL de junho... mulher é muito mal feito as coisa...” (PORCUFORT- n D2. 39)

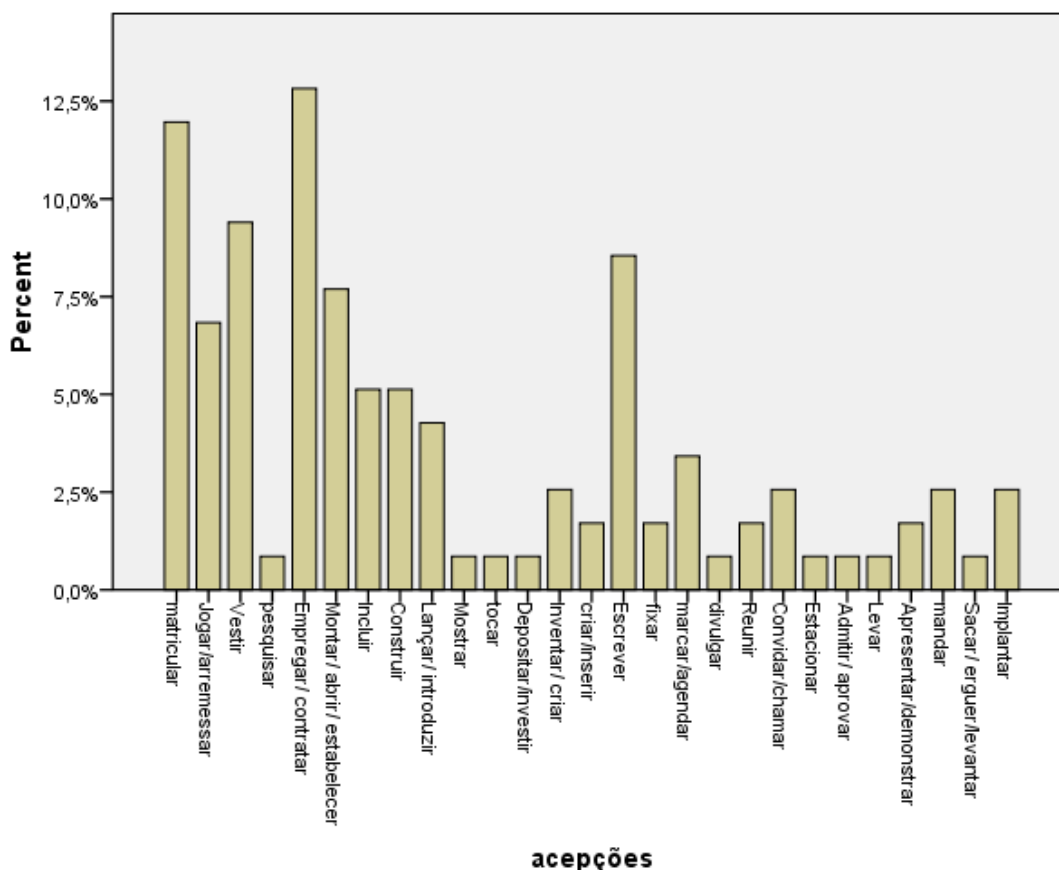
As acepções destacadas acima foram identificadas como extensões do sentido primário de *botar*: “pôr/ colocar”. Esse verbo, na categoria de predicador estendido, assume determinadas funções sintático-semânticas a depender da acepção que assume. Por exemplo, na acepção de “empregar/contratar”:

(39) “*eu botava empregada não dava certo não dava certo aí eu saí*”

O verbo, nessa acepção, não possui a noção de deslocamento, exige dois argumentos representados pelos actantes *eu* e *empregada*. Diferentemente da noção primária de *botar*, que tem como significado básico “deslocar/conduzir algo ou alguém para um determinado lugar”, “pôr/colocar”, que exige três argumentos.

Em suma, nesta função de predicador estendido, *botar* ainda apresenta autonomia verbal e comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicação, ou seja, continua a ser o responsável pela definição de uma estrutura argumental e pela atribuição de papel temático, contudo a predicação irá variar conforme a acepção que o verbo assume.

Gráfico 1: Acepções depreendidas dos usos de *botar*



A partir do gráfico 1, é possível verificarmos a frequência de todas as acepções de *botar* encontradas nos *corpora* analisados.

5.2.3. Verbo-suporte

Além de *botar* atuar como verbo predicador, também pode desempenhar a função da categoria verbo-suporte. Os verbos-suporte caracterizam-se por sofrerem um processo de esvaziamento léxico-semântico; a depender da construção que o verbo-suporte integra, esse esvaziamento pode ser em maior ou menor grau. Podemos afirmar ainda que esses verbos perdem sua natureza predicante, passando essa função a ser exercida pela construção verbo-suporte + elemento nominal. O verbo-suporte ainda se caracteriza por “suportar” as categorias gramaticais de tempo, modo, número e pessoa.

Nessa categoria, encontramos em nossos *corpora* estruturas diversas mais ou menos afastadas do protótipo de uma construção com verbo-suporte.

(40) Galo não vence há cinco rodadas, não marca há três e tem a pior defesa da competição, com 25 gols sofridos (saldo negativo de 11). Não **botou** a culpa na arbitragem. [~ culpou]
(Google- <http://colunas.sportv.globo.com/lediocarmona>)

(41) Todo jogo é uma decisão, por isso precisamos **botar** em prática aquilo que a gente trabalhou durante a semana. [~ praticar]
(Google- <http://colunas.sportv.globo.com/lediocarmona>)

(42) Muita coisa foi dita, que **botei** pressão para sair, para ter aumento de salário, e não tem nada disso. Fui jogado contra a torcida afirmou o ex-camisa 1 do ... [~ pressionar]
(Google- <http://oglobo.globo.com/esportes>)

Nos exemplos acima, o verbo *botar* forma com o elemento nominal uma unidade sintática, semântica e funcional. O elemento verbal e o SN, formadores da predicação, colaboram para a projeção de argumentos na oração. Em 40, “botou a culpa” pode ser substituído pelo verbo cognato “culpar”; *botar* perde seu caráter argumental e, junto com o elemento nominal, seleciona o argumento “na arbitragem”, que irá fazer parte da predicação. Nos exemplos (41) e (42), também verificamos a possibilidade de permuta da construção V+ SN por um verbo simples cognato (“praticar” e “pressionar”), respectivamente. Os enunciados acima são exemplos de construções com verbos-suporte prototípicos, pois há a possibilidade de permuta por um verbo simples cognato.

(43) Paranaíta entrou em declínio e o êxodo botou fim às únicas vilas que lhe pertenciam: Jaú e Castanheira. Em 1995 a população era de 15.255 habitante.
(Google- <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?>)

(44) Eu acredito (**boto** fé mesmo) que o ... (NORPOFORT – inq 81)

Em 43 e 44, percebemos que não é possível substituir a construção V + SN por um verbo cognato simples e nem sempre há correspondência semântica com outros verbos, contudo, os dois elementos formadores da construção colaboram para a projeção de argumentos na oração o que nos permite identificar essas orações como construções não-prototípicas com verbo-suporte.

A análise dos *corpora* permite estabelecer a seguinte tabela com as construções com verbo-suporte *botar* + SN/SP mais recorrentes:

Tabela 2: construções com verbo-suporte *botar* + SN/SP

Construções <i>botar</i> + elemento não-verbal	Total	Exemplos
1. botar defeito	20,5%	“Um sábado pra carioca nenhum <i>botar</i> defeito” (Google- http://www.papodegordo.com.br/index.php)
2. Botar em prática	16%	“O que você aprendeu lá e realmente <i>botou em prática</i> ? Tem altos e baixos, mas no fim das contas vale a pena”. (NORPOFORT- inq 10)
3. Botar culpa	13,6%	“Mas <i>botaram</i> a culpa neles. E o negócio não é simplesmente botar a culpa não, é demissão por justa causa e prisão. Na entrevista coletiva do lançamento do”.. (Google- http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?)
4. Botar nome	13,6%	“Quero agradecer ao Rico de Souza por estar desenvolvendo algumas linhas de SUP altamente funcionais junto comigo e também ao Dedé Paranoid, que botou muita pilha para que eu viesse participar deste evento”. (Google- http://ricosurf.globo.com/Noticias)
5. Botar fé	11,4%	“ Paulo, que é ator do grupo “Nu Improviso” da cidade de Curitiba, achou que tinha caído em uma pegadinha dos amigos quando recebeu o telefonema da produção. “Na hora não botei muita fé que era da Band, mas quando a ficha caiu, eu topei na hora”, lembra”. (Google- http://www.band.com.br/entretenimento/tv/conteudo.asp)

Os exemplos acima são alguns dos mais recorrentes em nossa amostra. As construções identificadas encontram-se ora mais próximas das construções com verbo

predicador, ora mais próximas das construções cristalizadas.¹⁰ Como podemos observar no exemplo seguinte:

(45) Nossa zaga daquela época era menos técnica do que a da hoje, porém **botava** mais **medo** nos adversários. (Google- <http://colunas.sportv.globo.com/lediocarmona>)

No exemplo acima, a construção “*botar medo*” encontra-se mais próxima das construções com verbo predicador estendido, podemos permutar o verbo por outro com sentido equivalente, “*provocar*”, contudo, se analisarmos a construção verbo + SN, é possível perceber que *botar* partilha com o elemento nominal a função de atribuir papel temático “*botar medo alguém*”, além de ser possível substituir a construção por uma forma simples cognata “*amedrontar*”.

Em outro extremo, há as construções com verbo-suporte mais próximas das expressões cristalizadas. Conforme podemos conferir a seguir:

(46) Um sábado pra carioca nenhum botar defeito. (<http://www.papodegordo.com.br/index.php>)

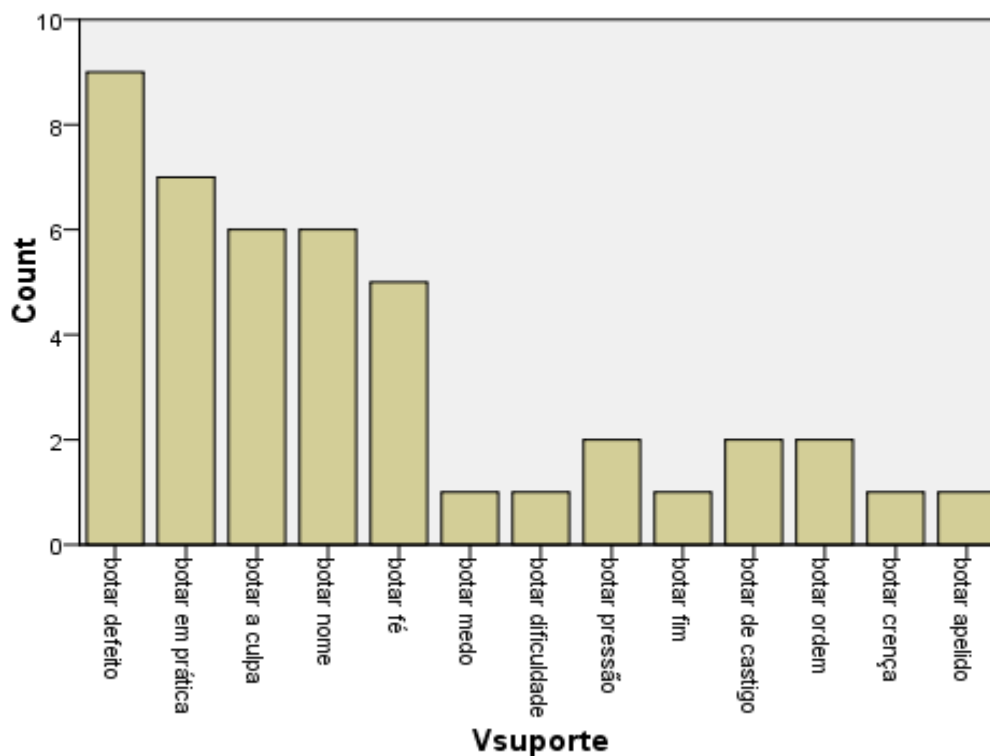
Não é possível substituir essa construção por nenhum verbo cognato, contudo, a expressão como um todo forma uma unidade sintático-semântica responsável por projetar argumentos.

Entre esses dois tipos de construções com verbo-suporte acima descritas, há as construções prototípicas, conforme já comentamos.

Vejamos o gráfico abaixo com a frequência das construções mais produtivas em nossos *corpora*:

¹⁰ Consideramos construções cristalizadas aquelas cujo significado não é transparente. O significado do grupo inteiro, em bloco, não corresponde à soma do significado de cada palavra integrante do grupo, o que nos permite considerá-las como um item lexical, não-composicional.

Gráfico 2: construções com *verbo-suporte*



Foi possível observar, ainda, outro tipo de construção com o item *botar*. Essas construções caracterizam-se por ter caráter idiossincrático, ou seja, seu significado é determinado em bloco, como um todo, e não obtido através da somatória do significado das partes componentes. O item *botar*, quando parte dessas construções, serve apenas de suporte para marcar noções de categorias verbais, tais como tempo, modo, aspecto, número e pessoa; sua função é apenas gramatical. Contudo, não podemos afirmar que esse verbo, nessas construções, seja totalmente esvaziado léxico-semânticamente, pois, embora metaforicamente, ainda preserva resquícios do significado concreto de *botar*.

(47) Em 1973 **botou o pé na estrada**, rumo ao Rio de Janeiro, convicto de sua vocação musical. Inicialmente gravou músicas de outros compositores para novelas. (Google-<http://www.alemtemporeal.com.br>)

(48) Vale a pena lembrar o caso do deputado **Ciro Gomes**, o único que ousou **botar as manguinhas prá fora** (Google-<http://portalexame.abril.com.br/rede-de-blogs>)

(49) famoso pelos deslizes com sua produção. O apresentador ainda criticou a repercussão do caso dizendo que tem gente que gosta de "**botar lenha na fogueira**". (Google-<http://diversao.terra.com.br/tv/noticias>)

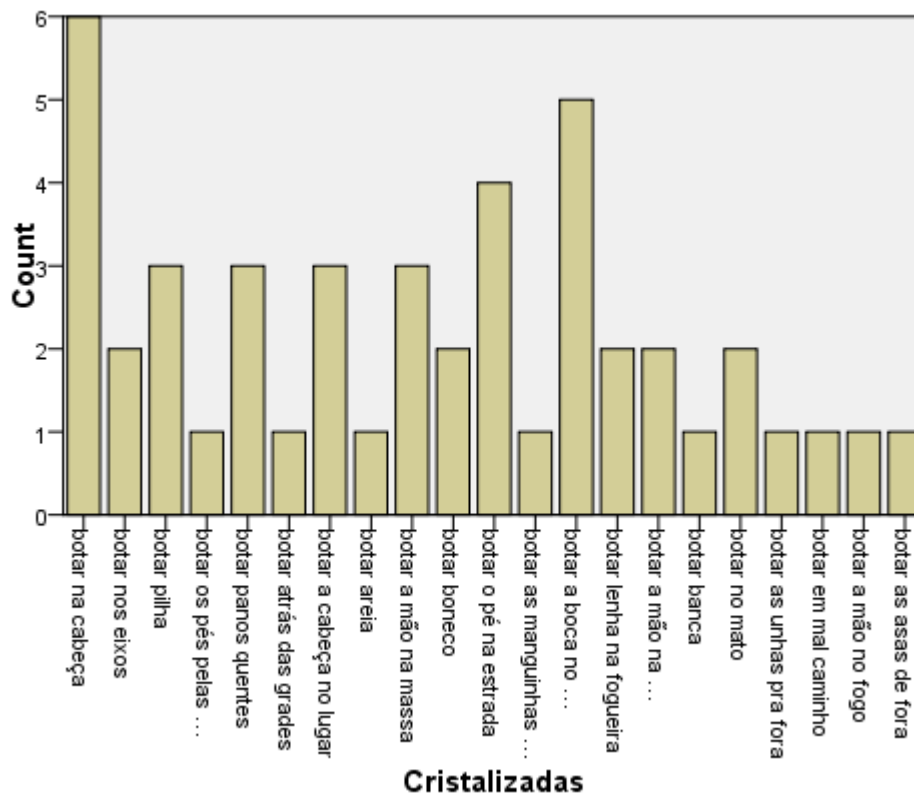
Nos exemplos destacados acima, as expressões não são composicionais, isto é, o sentido não é previsível a partir de seus constituintes, ou seja, o significado do grupo inteiro, em bloco, não corresponde à soma do significado de cada palavra integrante do grupo. Em 47, a expressão como um todo “botar o pé na estrada” equivale a “viajar”, não se trata propriamente de pôr o “pé”, parte do corpo humano, em uma estrada, mas, sim, de uma expressão muito recorrente na fala para indicar que um sujeito pretende viajar ou está viajando. O mesmo ocorre com “botar as manguinhas pra fora” e “botar lenha na fogueira”, são expressões que indicam uma ação “demonstrar determinada intenção” e “atiçar algo”, respectivamente.

(50) Quem botava boneco em todas as mesas era o Rosemberg Cariry. Talvez ele tenha sido o mais chato dos bêbados, quem sabe, até mais que eu, ...(NORPOFOR- inq 46)

Na expressão “botar boneco”, também não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes da construção. Não se trata de “botar um brinquedo, boneco, em algum lugar”, mas, sim, de uma expressão que, como um todo, indica “causar confusão”. Essa interpretação é possível se levarmos em consideração contexto comunicativo em que ocorre, ou seja, entre falantes da região do Ceará, pois, como veremos adiante, falantes do estado do Rio de Janeiro não identificam essa construção como uma unidade de sentido.

Vejamos algumas das construções lexicalizadas mais recorrentes com o item *botar*.

Gráfico 3: expressões cristalizadas



Quadro 11: expressões cristalizadas

Expressões cristalizadas	Exemplos
1. botar os pés na estrada	“Apesar dos meninos terem que botar os pé na estrada todos estão confiante e esperançoso em prosseguir na competição. Conversei bastante com o elenco e pude”. (Google- http://www2.futebolinterior.com.br/)
2. botar a boca no trombone	“Inconformado com as manipulações e inverdades publicadas diuturnamente pelos grandes jornais, resolvera ir à luta e ‘ <i>botar a boca no trombone</i> ’”. (Google- http://www.jornaldiadia.com.br)
3. botar a cabeça no lugar	“Temos de botar a cabeça no lugar ”(Google- http://globoesporte.globo.com/futebol_
4. botar a mão na consciência	“Ano passado, na Copa dos Campeões, a gente errou e esse ano de novo. No próximo jogo, temos que <i>botar a</i>

	<u>mão na consciência e correr atrás</u> ". (Google- http://globoesporte.globo.com/futebol)
5. botar a mão na massa	“É hora de botar a mão na massa ” (Google- http://diversao.terra.com.br/tv/noticias)

Quando uma expressão não é transparente, a fórmula [conhecimento da estrutura da língua + conhecimento do significado individual de cada item léxico envolvido na expressão] não garante a compreensão do significado global do grupo. Esse é o caso das expressões acima, em que o significado não é transparente, isto é, a expressão não é compreensível através da computação do significado individual de cada item léxico integrante do grupo.

Podemos resumir as extensões semânticas do verbo *botar* de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 12: extensões semânticas de *botar*

(1) Configuração básica →	movimento de uma objeto no espaço geográfico.
(2) a) Extensão semântica →	movimento de um objeto com acepções de sentido diferenciadas da configuração básica.
b) Extensão semântica →	movimentação metafórica.
c) Extensão semântica →	perca da noção de movimentação
(3) Esvaziamento léxico-semântico	----

No item 1, a configuração básica de *botar* é representada pela categoria verbal de predicador pleno, cujo significado básico é “deslocar/conduzir algo ou alguém para um determinado lugar”, “pôr/colocar”, isto é, denota a movimentação de um objeto no espaço geográfico. Em seguida, na categoria de predicador estendido, podemos observar extensões de sentido que se distanciam do sentido primeiro do verbo, podendo permanecer ainda a noção de movimento que pode ser literal ou metafórica ou ainda a ausência da noção de movimentação. Na categoria de verbo-suporte a noção de movimentação de *botar* não é mais percebida. Por fim, o verbo se esvazia semântico-

lexicalmente ao integrar as construções em que é possível observar graus de cristalização.

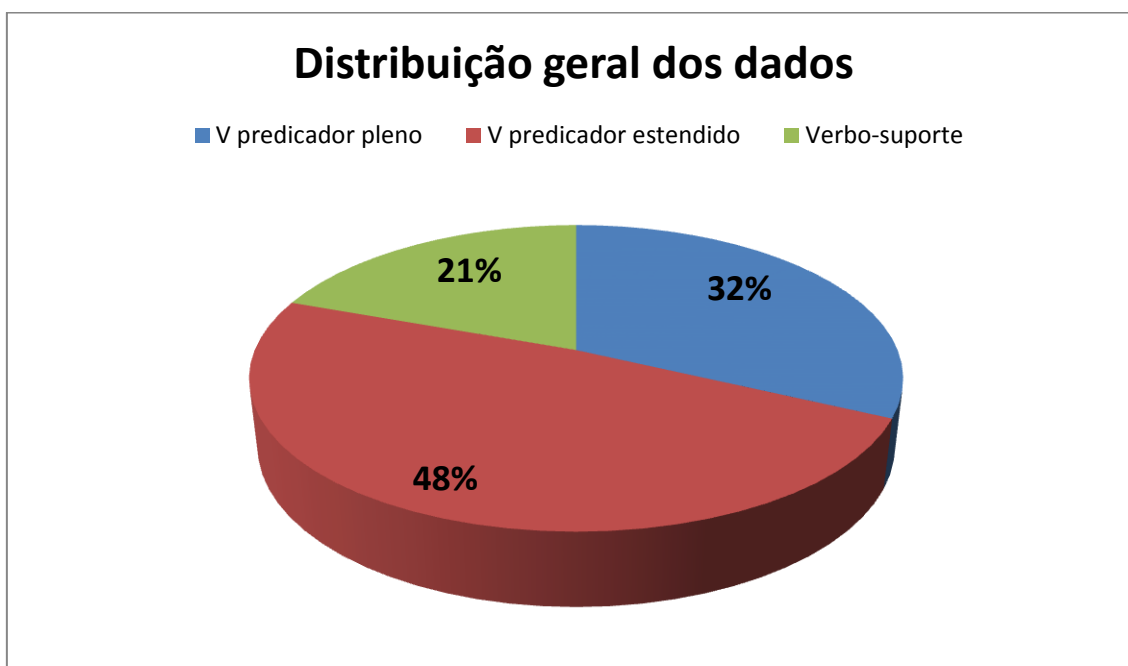
6. A FREQUÊNCIA DO ITEM *BOTAR* EM CONTEXTOS DE USO

Consideramos em nossa análise situações reais de uso da língua, pois julgamos ser no enunciado realizado, na situação comunicativa, onde se podem verificar as regularidades de que se deve ocupar a análise. Desse modo, observamos a frequência do item *botar* nos seguintes contextos de uso: variedade regional, modalidade expressiva, gênero textual e séculos XIX e XX. Desse modo, partimos do pressuposto funcionalista de que a língua não é objeto independente da situação de uso, já que a organização das formas linguísticas refletirá certo papel discursivo e funcional de acordo com a necessidade de seu usuário.

6.1. Distribuição geral dos dados

Destacaremos, nesse tópico, a distribuição geral dos dados pelas categorias funcionais de *botar* encontradas nos *corpora* adotados em nossa pesquisa.

Gráfico 4: Distribuição geral dos dados



Botar é mais empregado como verbo predicador estendido, envolvendo 48% dos dados. Em segundo lugar, em termos de produtividade, está a categoria de verbo predicador pleno, representada em 32% da amostra. E por último, com 20% das ocorrências, *botar* ocorre na categoria de verbo-suporte. Em suma, nas categorias em

que o verbo ocorre como item lexical (verbo predicador pleno e verbo predicador estendido), a produtividade de uso é maior, enquanto na categoria em que *botar* revela comportamento mais gramatical, a frequência de uso é menor (verbo-suporte). Tais resultados revelam que esse item verbal está ainda num processo inicial de gramaticalização, pois a frequência de *botar* na categoria de verbo-suporte, onde há um esvaziamento léxico-semântico e um comportamento mais gramatical do item, é menor em relação às categorias de verbo predicador. Dessa forma, entendemos que as unidades linguísticas partem do sentido mais concreto (lexical-verbo predicador pleno/estendido) a mais abstrato (gramatical- verbo-suporte) no *continuum* na escala de gramaticalização.

Vejamos abaixo alguns exemplos de cada uma das categorias funcionais de *botar* identificadas nos *corpora*:

(51) De repente, ela **botou** a sua cadeira do meu lado. (BOTAR = VERBO PREDICADOR PLENO) (CP- 19Or:Br:Intrv) ¹¹

(52) Essa escolinha que **botou** pra e::la... (BOTAR = VERBO PREDICADOR ESTENDIDO/ ~ montar/ construir) (NOPOFORT- inq 11)

(53) Eu disse a ele que não **botava** fé em mim como roteirista. (BOTAR = VERBO-SUPORTE/ ~ acreditar/ confiar) (CP- 19 Or:Br:Intrv)

Para Bybee (2003), a frequência tem um papel importante no processo de gramaticalização, pois além de ser o resultado dela, é o fator primário que contribui para esse processo de mudança. Ainda segundo a autora, devemos notar o aumento da frequência de uma construção/expressão e não de um item isoladamente. No caso dos dados analisados, é possível observar o processo de gramaticalização do verbo analisando os contextos onde ocorre e não apenas *botar* isoladamente. Assim, por exemplo, no enunciado (51), o item verbal se comporta como um verbo predicado pleno, contudo, o mesmo verbo, no exemplo (53), assume valores sintático-semânticos diferentes da primeira categoria, passando a fazer parte de uma construção com o elemento nominal.

Quanto ao enfraquecimento semântico, Bybee (2003) observa que a frequência de uso leva ao enfraquecimento de uma forma pelo hábito: formas tornam-se mais gerais e mais abstratas no significado. Dessa forma, *botar*, na categoria de verbo-suporte, passa por um processo de abstratização, perde a sua natureza de verbo

¹¹ Corpus do Português- português oral- brasileiro- entrevista)

predicador, passando essa função a ser exercida pela construção verbo + elemento nominal; perde ainda parte de seu valor semântico-lexical. O elemento nominal também passa por esse processo de abstratização, perdendo seu valor referencial.

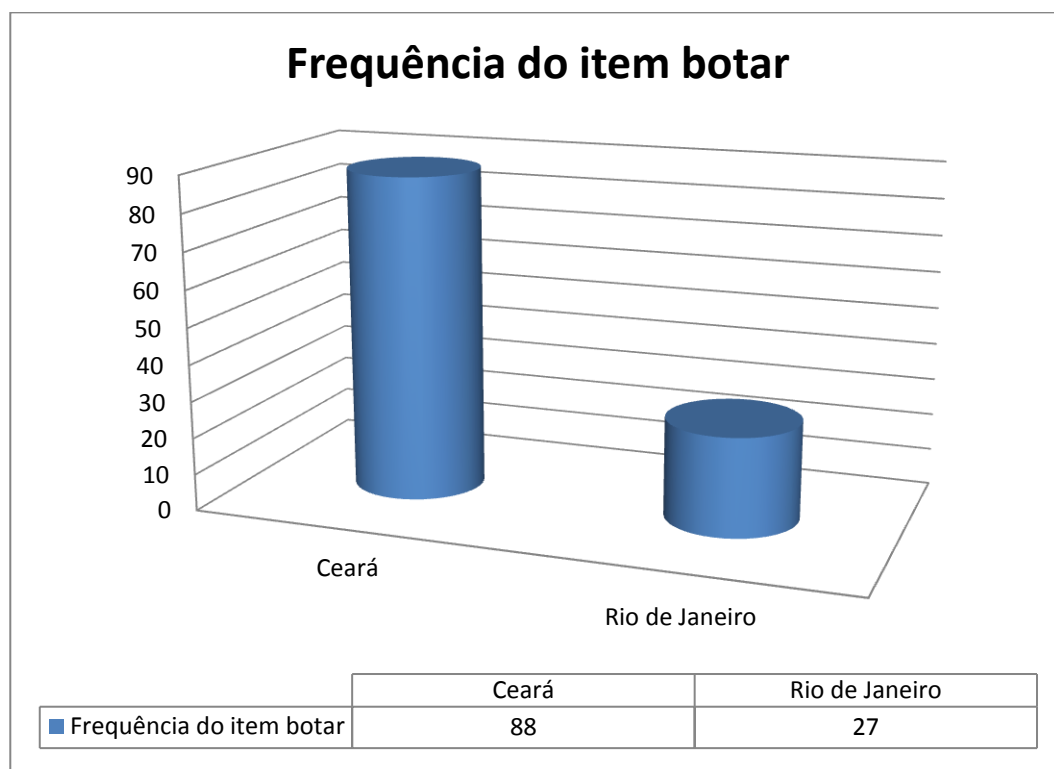
A distribuição dos dados por essas categorias revela que há maior frequência de ocorrência de *botar* na categoria de verbo predicador estendido, a qual resulta de um processo de extensão semântica e, assim, propicia a expansão de uso de *botar*. Desse modo, verificamos que *botar* encontra-se num estágio inicial de gramaticalização.

Podemos relacionar esse estágio com a lexicalização, pois, de acordo com Lehmann (1989), a lexicalização exerce seu papel na primeira fase, ou talvez seja melhor, numa fase preparatória, da gramaticalização.

6.1. 1. Distribuição dos dados por variedade regional

O gráfico a seguir apresenta os resultados obtidos com relação à frequência do item *botar* em duas variedades regionais: Ceará e Rio de Janeiro.

Gráfico 5: frequência do item *botar*



Averiguando-se a produtividade do item verbal em estudo por cada uma das duas variedades regionais, constatamos que *botar* é mais produtivo na norma popular oral do Ceará.

Em nossas análises, observamos construções com o item *botar* que i) são aceitáveis por falantes da outra região em destaque e ii) constituem construções que são pertencentes exclusivamente à norma popular cearense ao ponto de causar estranhamento em falantes do Rio de Janeiro.

(54) “... mas eu acho que num SEI se eu **botar uma banquinha** de banana ali pra mim eu pago todas as coisa deixo de ser um liberal mas também..” (NORPOFORT- inq 54)

(55) “Quem **botava boneco** em todas as mesas era o Rosemberg Cariry. Talvez ele tenha sido o mais chato dos bêbados, quem sabe, até mais que eu ...” (NORPOFORT- Inq 46)

No exemplo 54, temos uma construção aceitável por falantes do Rio de Janeiro. O próprio contexto contribui para que haja a compreensão do sentido do enunciado como o de “abrir/montar um negócio”. No exemplo seguinte, levando em consideração o contexto comunicativo, o enunciado poderá ser compreendido pelos falantes não cearenses. A construção “botar boneco”, no contexto acima, significa “criar caso, fazer confusão”, contudo, se observamos contextos em que não é possível inferir o sentido da construção, o falante não cearense não conseguirá depreender o sentido da estrutura, conforme poderemos constatar no próximo capítulo.

Nesse sentido, podemos considerar a influência de fatores extralinguísticos na seleção dos itens lexicais, ou seja, fatores como a mudança regional influencia na produtividade do item *botar*. Desse modo, os contextos são, por definição, diferentes, e determinam escolhas diferentes, ou seja, é a partir dos fatores externos que o falante procede para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua de acordo com os contextos onde estão inseridos.

Na tabela a seguir, constam os valores de todas as ocorrências encontradas nas variedades regionais provenientes do Rio de Janeiro e Ceará.

Tabela 3: variedade regional

Categorias Funcionais	Variedade regional	
	Ceará	Rio de Janeiro
Verbo predicador pleno	39/88 44,3%	16/27 59,2%
Verbo predicador estendido	40/88 45,4%	9/27 33,3%
Verbo-suporte	9/88 10,3%	2/27 8%

Na norma popular do Ceará, *botar* é mais empregado como verbo predicador, 44,3% das ocorrências. Não houve diferença significativa entre as categorias de verbo predicador pleno e verbo predicador estendido, quanto à frequência; confirmando nossa hipótese de que esse verbo está em um estágio inicial de gramaticalização. Apenas foram encontradas 10,3% das ocorrências com *botar* numa função mais gramatical, ou seja, na categoria de verbo-suporte.

Na norma popular do Rio de Janeiro, o processo de gramaticalização ainda está em um estágio menor em relação à norma cearense. O maior percentual de *botar* encontra-se na categoria de predicador pleno, com 59,2% das ocorrências. Na categoria de verbo predicador estendido, o percentual é menor, constituindo 33,3% das ocorrências. Na função de verbo-suporte esse percentual é ainda menor, restringindo-se a 7,5% das ocorrências.

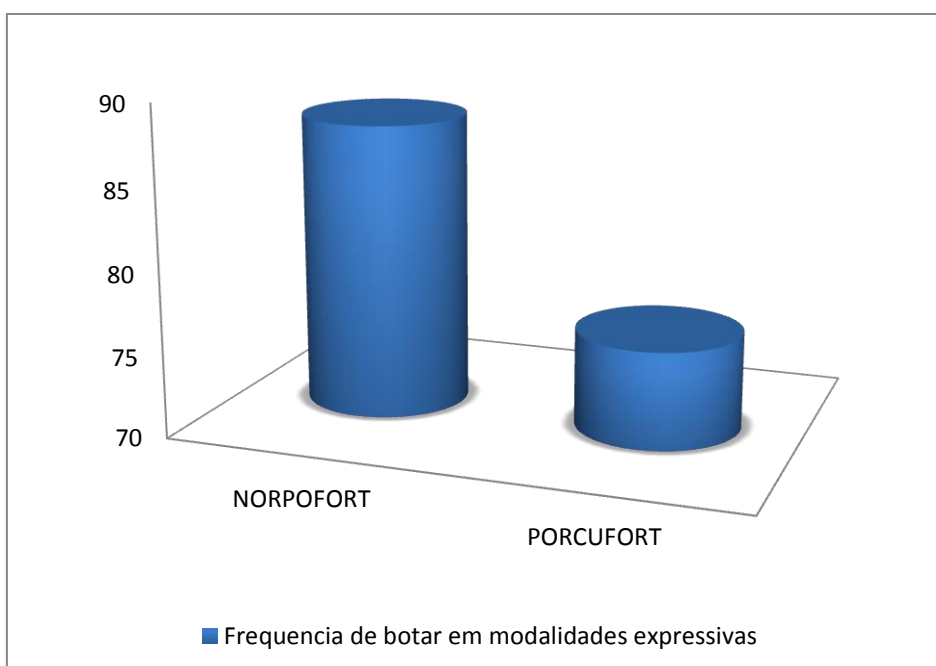
Em suma, entendemos que tais resultados podem basear-se em duas explicações: (i) a possibilidade de o processo de gramaticalização de *botar* se encontrar em estágio mais avançado na variedade cearense do que na variedade do Rio de Janeiro; e (ii) a possibilidade de razões discursivas terem determinado a necessidade de se recorrer com mais frequência a um emprego de *botar* e não a outro e, em consequência, se organizarem mais predicções com uma dada categoria funcional.

De acordo com o que foi exposto neste capítulo, podemos afirmar ainda que a variação linguística não é condicionada apenas pelo contexto linguístico, ela é, também, condicionada pela estrutura social da comunidade em que a língua é usada.

6.1. 2. Distribuição dos dados por modalidade expressiva

Para a investigação da produtividade das categorias funcionais em função das modalidades expressivas, procedemos a um levantamento da frequência de *botar* nos dados do NORPOFOR e do PORCUFORT.

Gráfico 6: frequência do item *botar* em modalidade expressiva



Observando-se os resultados do gráfico acima, que registra como se organizam as predicações coletadas de textos orais pertencentes do português culto (PORCUFORT) e popular de Fortaleza (NORPOFOR), percebemos que, em 20 inquéritos analisados em cada *corpus*, as construções com o verbo *botar* são mais frequente na norma popular, confirmando-se assim a hipótese de que o processo de gramaticalização inicia-se primeiramente na norma popular, onde há um menor monitoramento da fala pelo sujeito.

Tabela 4: frequência do item *botar* por modalidade expressiva

Categorias funcionais de <i>botar</i>	Norma popular	Norma culta
Verbo predicador pleno	39/88 44,3%	19/76 25%
Verbo predicador estendido	40/88 45,4%	55/76 72,4%
Verbo suporte	9/88 10,3%	2/76 2,6%

Os dados revelam que, na norma popular, houve uma maior ocorrência do verbo *botar* na categoria de predicador pleno (44,3%) contudo não houve uma diferença significativa em relação à categoria do predicador estendido (45,4%). Em menor frequência, observamos a ocorrência do verbo nas categorias de verbo-suporte (10,3%), evidenciando que esse verbo está em um processo inicial de gramaticalização.

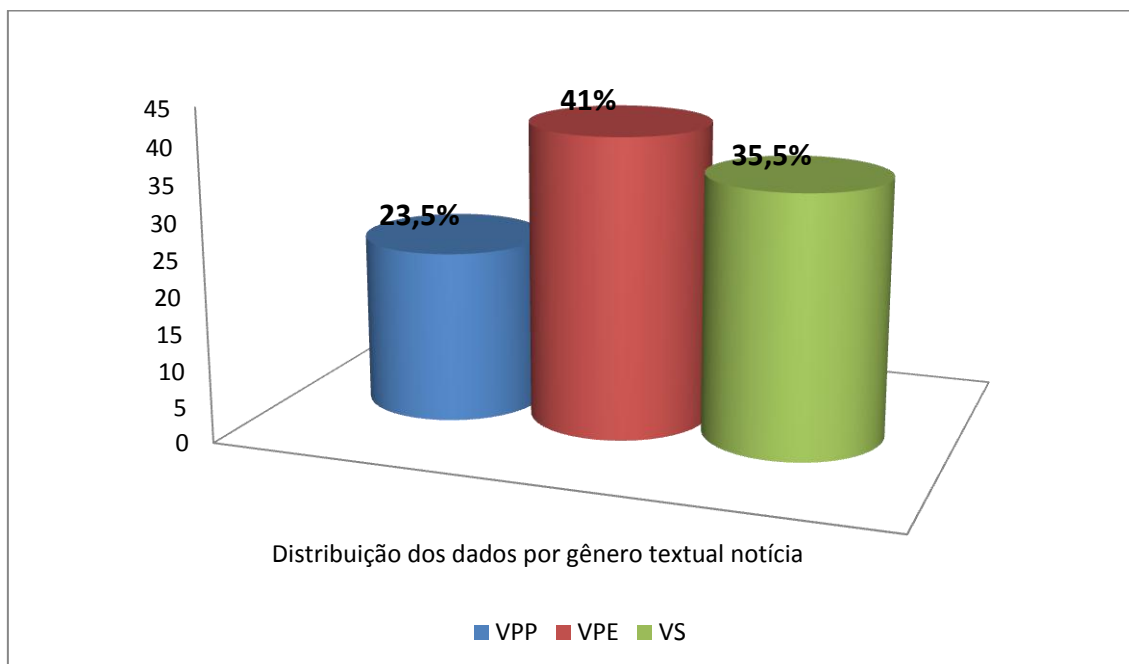
No português oral culto de Fortaleza, constatamos uma frequência menor do verbo *botar*, confirmando nossa hipótese de que o processo de gramaticalização é mais lento na modalidade culta, embora, mesmo em menor quantidade, já haja indícios de gramaticalização. De acordo com os dados analisados, verificamos que a frequência do verbo *botar* na categoria de predicador estendido, 72,4%, é maior em relação à categoria de predicador pleno, 25%, apontando um indício de gramaticalização ainda incipiente, assim como na norma popular.

Desse modo, podemos observar que a gramática não constitui um sistema fechado, mas, sim, um sistema dinâmico, suscetível às mudanças e diretamente afetado pela língua em uso. Assim, os falantes promovem mudanças constantes de acordo com o contexto onde estão inseridos, ou seja, em um contexto informal, onde há um menor monitoramento da fala, a frequência do verbo *botar* é maior em relação ao contexto formal de uso da língua.

6.1.3. Distribuição dos dados por gênero notícia

Para a investigação da produtividade das categorias funcionais em função do gênero notícia, procedemos a um levantamento da frequência de *botar* em notícias *online*. Convém lembrar que as notícias foram retiradas da *internet* de forma aleatória, utilizamos a ferramenta de busca por meio de páginas eletrônicas disponíveis no buscador *Google*.

Gráfico 7: produtividade das categorias funcionais do gênero notícia



Verificamos que, no gênero textual analisado¹², a categoria de verbo predicador estendido sobressai com relação às outras. Em seguida, temos a categoria de verbo-suporte, que já apresenta uma frequência maior se comparada com os dados dos outros *corpora* analisados. Tal resultado se deve ao fato de que muitas das estruturas com *botar* carregam traços de informalidade, como vemos em (56)-(58) adiante. Supõe-se, portanto, que a natureza informal desse gênero faz com que os autores recorram a diversas formas perifrásticas para atingir as nuances de sentido, que possivelmente não alcançariam se usassem apenas os verbos plenos equivalentes a essas construções.

¹² As notícias encontradas no site de busca *Google* são, em sua maioria, de caráter informal, relacionadas a assuntos de entretenimento: cinema, esporte, televisão, famosos, etc.

(56) Agora, não vai ser fácil *botar* em prática as novas medidas. No papel, o Estatuto do Torcedor é perfeito, e estádio, o ministro tem razão, deveria mesmo ser ... (Google-<http://www.portalms.com.br/noticias/detalhe>)

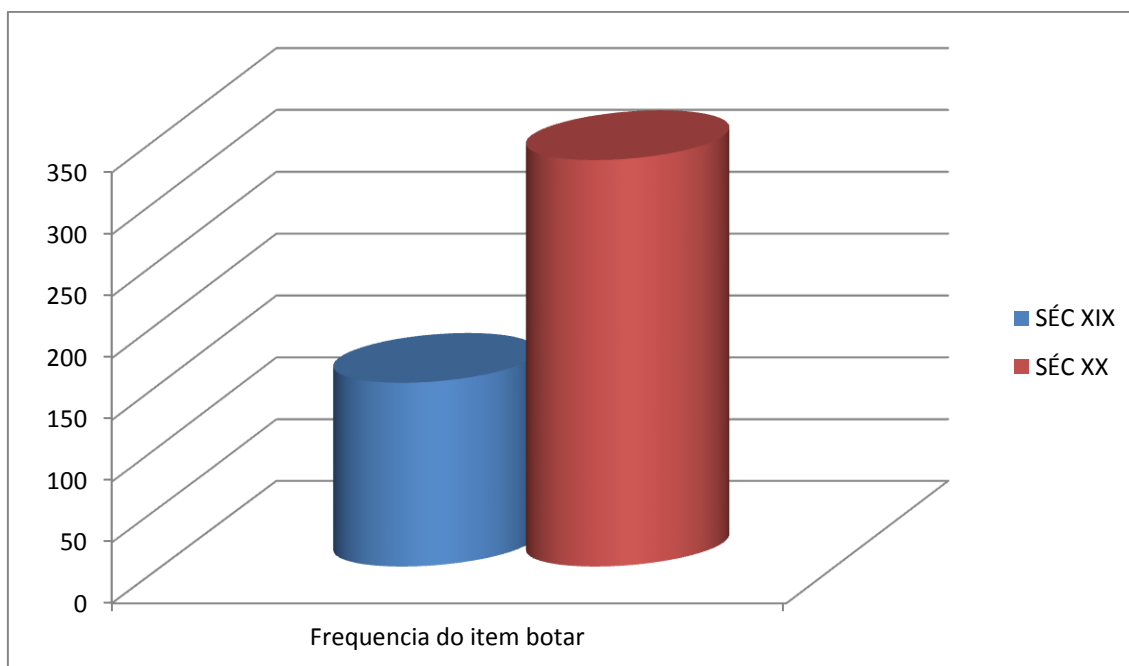
(57) O negócio é **botar pressão**, brigar mesmo, senão, a obra não sai – adverte ele. – Associação de moradores é muito mais ouvida pelos órgãos do governo do que os próprios moradores. (Google- <http://jbonline.terra.com.br/pextra>)

(58) Já pensou se a gente **botasse** aquele saiotinho de penas? Uau! Ainda bem que ninguém pensou nisso. Botar o cocar já foi de bom tamanho. (Google-<http://www.clicrbs.com.br/anoticia>)

6.2. Distribuição dos dados pelos séculos XIX e XX

Para observarmos o *continuum* do processo de gramaticalização, fizemos uma análise diacrônica a partir do recorte do século XIX a XX.

Gráfico 8: frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos XIX e XX



Após uma análise geral desses séculos, constatamos que há um aumento da frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos. Foram coletadas 150 ocorrências desse item verbal nos dados do século XIX, já nos dados do século XX percebemos um aumento dessas ocorrências, que chegam a 330. Tal fato confirma que esse verbo está

em processo de gramaticalização contínuo, o que nos leva a lembrar de que, de acordo com Bybee (2003), a frequência de uso dos itens ou construções aumenta radicalmente conforme a gramaticalização se desenvolve, graças ao aumento dos tipos de contexto nos quais o novo item ou construção se torna apropriado. Os significados e funções de um item não são fixos e categóricos, ou seja, variam gradualmente com o tempo, conforme podemos observar de acordo com a tabela abaixo.

Tabela 5: frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos XIX e XX

Categorias funcionais de <i>botar</i>	Século XIX	Século XX
Verbo predicador pleno	20%	30%
Verbo predicador estendido	70%	40%
Verbo suporte	10%	30%

Conforme registrado na tabela acima, é mais significativa a produtividade de emprego de *botar* nas categorias lexicais (verbo predicador pleno e verbo predicador estendido), nos dois séculos observados, contudo, a categoria de verbo-suporte apresenta uma frequência menor. Observamos que, embora menos produtivo, o verbo em estudo já apresenta indícios de gramaticalização no século XIX, apresentando um extensões de sentido. Conforme o processo de gramaticalização avança, há, conseqüentemente, o aumento da categoria na função mais gramatical, justificando, desse modo, o crescimento de expressões com verbo-suporte no século XX.

Tal interpretação pauta-se ainda na hipótese de que o emprego bastante produtivo de um item em diferentes contextos e, portanto, com diferentes extensões de sentido (o verbo *botar* como predicador estendido), pode gerar esvaziamento semântico do elemento e a conseqüente transferência categorial (a passagem de *botar* de uma categoria lexical de verbo predicador para a categoria de verbo-suporte [+gramatical]).

7. ANÁLISE DO FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE *BOTAR*

Conforme já discutido por Bybee (2003), para se observar o processo de gramaticalização de um item, deve-se levar em conta o aumento da frequência de uma construção/expressão e não simplesmente o fato de um item lexical isolado tornar-se mais gramatical. Desse modo, analisamos o comportamento do verbo *botar* na construção que o integra, ou seja, verbo-suporte + elemento nominal e traçamos seis graus de integração obtidos a partir da relação do verbo com o elemento nominal.

7.1. Graus de integração entre o verbo-suporte *botar* e o elemento não verbal

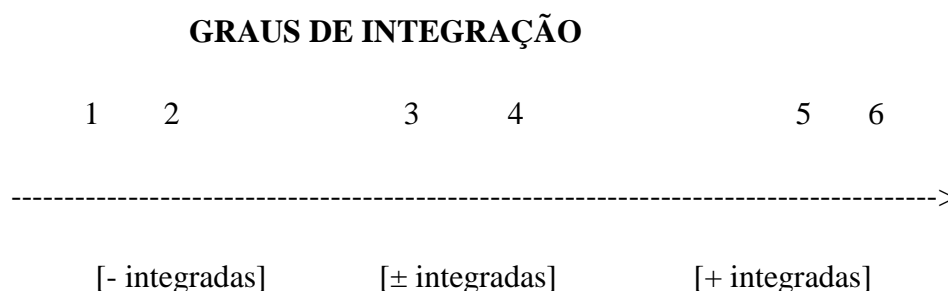
Para traçar os graus de integração entre as construções com verbo-suporte, adotamos cinco critérios:

1. Mobilidade do elemento não verbal: o critério da mobilidade testa se é possível a mudança de posição do elemento não verbal sem que haja prejuízo quanto ao sentido da construção. Dentre as ocorrências analisadas em nossos *corpora*, verificamos que as construções mantêm uma posição fixa, ou seja, o elemento não-verbal, em todos os casos observados, se posiciona à direita do verbo-suporte, não encontramos nenhuma ocorrência em que o elemento não verbal anteceda ao verbo. Apesar de ser gramaticalmente possível, a construção (elemento não-verbal + *botar*) não é usual. Apenas em casos específicos, essa mobilidade se torna coerente como, por exemplo, nos casos de topicalização, ou seja, em um fenômeno de natureza discursivo-pragmática, o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. A topicalização pode ser definida, assim, como dado pelo falante à porção do enunciado na qual ele considera estar o núcleo da informação. Por essa razão, certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta.
2. Configuração sintática do elemento não verbal: esse critério verifica se é possível inserir elementos mais determinados ao elemento não verbal; nesse caso, quanto mais determinado esse elemento, menor é o grau de integração.

3. Possibilidade de substituição do verbo: observamos a possibilidade de substituir o verbo-suporte por outro de sentido equivalente: foi possível substituir *botar* por *colocar*, *pôr*.
4. Possibilidade de substituição do elemento não verbal por outro semelhante: outro critério observado para traçar o grau de integração entre os elementos da construção foi a possibilidade de substituição do elemento não verbal por outro elemento quase sinônimo. Embora esse critério não seja o determinante para se traçar o grau de integração, observamos que, nas construções onde há o maior nível de coesão entre os elementos, não há a possibilidade de permuta do item não verbal por outro semelhante.
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata: adotamos esse critério como determinante para traçar o grau de integração entre os elementos da construção. Verificamos que, quando há a possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata, a construção encontra-se num grau menor de integração e, quando não é possível nenhuma substituição ou quando não há uma correspondência por uma forma cognata, a construção se enquadra num nível maior de integração.

Desse modo, considerando-se aspectos como (i) estatuto de *botar* (ii) possibilidade de adjunção de determinantes ou modificadores ao núcleo do elemento não verbal; (iii) possibilidade de anteposição do elemento não verbal em relação ao verbo-suporte e (iv) a natureza do elemento não-verbal incorporado ao verbo-suporte, foi possível chegar a seis graus de integração entre os elementos da construção com verbo *botar*. Esses níveis de integração evidenciam um *continuum* das construções menos integradas às mais integradas, conforme esquema abaixo:

Figura 2: graus de integração que envolvem construções complexas com *botar*



A descrição de cada um desses níveis (com os parâmetros definidos na análise e os exemplos extraídos dos *corpora*) explicitará que o verbo *botar*, na categoria de verbo-suporte, pode fazer parte tanto de estruturas mais integradas quanto de estruturas menos integradas. A seguir, analisamos, primeiramente, o nível de integração 1, cujos parâmetros se acham elencados no quadro 13.

Quadro 13: nível 1 de integração

BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 1 [-integradas]

1. Mobilidade do elemento não verbal: posposto ao verbo-suporte sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não verbal por outro semelhante;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

As construções *botar a culpa*, *botar em prática*, retiradas de nossos *corpora*, encaixam-se no primeiro nível de integração, observemos os exemplos abaixo.

(59) Ele (Lula) é mestre em **botar a culpa** na vítima, assim como fez em Cuba, quando comparou um preso político a um criminoso comum e disse que ele se matou. (Google-<http://noticias.terra.com.br/eleicoes>)

(60) Victor aproveitou as oportunidades para **botar em prática** os ensinamentos do curso de assistente de fotografia "Vik Muniz e a cognição do olhar". (Google-<http://www.portalms.com.br/noticia>)

A partir dos exemplos (59) e (60), é possível notar que o primeiro nível de integração reúne casos em que há possibilidade de o elemento não verbal ser determinado (*a culpa*) ou ser possível a inserção de elementos mais determinados (*toda a culpa*)/ (*botar na prática*); há ainda a possibilidade de substituição do verbo (*colocar*

a culpa) / (*colocar em prática*); pode ser substituído por outro elemento não verbal (*bota a responsabilidade*) / (*bota em ação*) e é possível substituir a construção por uma forma simples cognata (*culpar*) / (*praticar*). Quanto à mobilidade do elemento não verbal, embora seja gramaticalmente possível, não é comum a mobilidade desse item à direita do verbo, mas é possível em casos específicos como, por exemplo, a topicalização (“*Em prática, ele botou os ensinamentos*”), contudo não foi encontrado, nos dados analisados, esse tipo de construção.

Adiante, passamos a discussão do segundo nível de integração.

Quadro 14: nível integração 2

BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 2 [+ integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante
5. Possibilidade substituição da construção por uma forma simples cognata.

As construções *botar o nome*, *botar características* *botar apelido*, retiradas de nossos *corpora*, encaixam-se no segundo nível de integração.

(61) aí... tivemos aquela tivemos a ideia de:::... **botar o nome** dela... porque é o seguinte... o início do meu nome com o fim do nome dela... entendeu? (NORPOFORT- inq 46)

(62) um ... só que num sabia a PLAcA mas **botaram** tantas **características**... que aquele carro tinha... então a polícia divulgou no jornal. (POCUFORT- D2-02)

(63) aí a senhora ficava mangando dele **botava o apelido** dele de mãozinha. (NORPOFORT- inq 39)

A partir das ocorrências destacadas acima, é possível observar que esse nível de integração reúne casos em que há possibilidade de o elemento não verbal ser determinado (*o nome*)/ (*o apelido*) ou ser possível a inserção de elementos mais determinados (*botaram tantas características*); há ainda a possibilidade de substituição do verbo (*colocar o nome*) / (*colocar apelido*) / (*colocar características*); diferentemente do grau 1, não é possível substituir o elemento não verbal por outro item semelhante. Contudo, é possível substituir as construções por uma forma simples cognata (*nomear*) / (*apelidar*) / (*caracterizar*). Quanto à mobilidade do elemento não verbal, embora seja gramaticalmente possível, também não é comum a mobilidade desse item à direita do verbo, apenas em caso específicos como a topicalização do elemento nominal, como já comentamos.

Analizamos, de acordo com os parâmetros expostos no quadro 15, o nível de integração 3 das construções.

Quadro 15: nível de integração 3

BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 3 [± integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal.
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

As construções *botar em ação*, *botar medo*, *botar crença* retiradas de nossos *corpora*, encaixam-se no nível 3 de integração.

(64) o governo **botou** os bancos públicos **em ação** às vésperas das eleições. (Google-
http://www.saopaulofc.com.br)

(65) Nossa zaga daquela época era menos técnica do que a da hoje, porém **botava** mais **medo** nos adversários. (Google- <http://www.saopaulofc.com.br>)

(66) sair para fora né...conversar com os amigos... não **boto muita crença** em televisão não muita coisa é mentira... eu acho:: (NORPOFORT- inq 39)

A partir dos exemplos acima, é possível observar que o terceiro nível de integração reúne construções que se apresentam com um grau maior de integração. Conforme podemos observar de acordo com os aspectos que caracterizam esse nível: o elemento não verbal não se apresenta modificado (*em ação*), mas se configura com elementos menos determinados, como, por exemplo, os intensificadores (*mais medo*); o elemento não verbal pode ainda ser substituído por outro elemento nominal (*botar em ação/ prática*) / (*botar medo/ terror*) e é possível substituir a construção por uma forma simples cognata (*acionar*) / (*amedrontar*).

Passamos a discutir o nível de integração 4, com base nos parâmetros do quadro 16.

Quadro 16: nível de integração 4

BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 4 [± integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado, com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não verbal.
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

As construções *botar ordem*, *botar de castigo*, *botar pressão*, *botar fim* retiradas de nossos *corpora*, encaixam-se no nível 4 de integração.

(67) O que parece é que João Simões quer **botar ordem** na casa, mas teme a reação dos colegas, não quer arranhar reputações, ferir orgulhos. ... (Google-<http://blogs.d24am.com/valmirlima>)

(68) as professoras muito exigentes...a lei era DURA...era pesada...e queriam me **botar de castigo**...me **botaram de castigo**.. (PORCUFORT- D2.07)

(69) Muita coisa foi dita, que **botei pressão** para sair, para ter aumento de salário, e não tem nada disso. Fui jogado contra a torcida afirmou o ex-camisa 1 do ... (Google-<http://oglobo.globo.com/esportes/>)

(70) Paranaíta entrou em declínio e o êxodo **botou fim** às únicas vilas que lhe pertenciam: Jaú e Castanheira. Em 1995 a população era de 15.255 habitantes (Google-<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?>)

No quarto nível de integração, o elemento não verbal não se apresenta determinado (*de castigo*) ou pode ocorrer com elemento menos determinado, como, por exemplo, os intensificadores (*muita pressão*); ou, ainda, há casos em que não é possível inserir nenhum elemento (*botar fim*)/ (*botar ordem*). Diferenciando-se do grau anterior, não é possível permutar o elemento não verbal por outro item nominal correspondente. Contudo, é possível substituir a construção por uma forma simples cognata (*ordenar*) / (*castigar*)/ (*pressionar*)/ (*finalizar*).

É relevante comentarmos casos em que a inclusão de um determinante pode mudar completamente o sentido de uma expressão. Vejamos:

(71) Miguel Falabella decidiu botar um fim no personagem de Fábio Assunção. (Google-<http://www.jornaldacidade.net/2008/noticia.php?id=25474>)

A expressão botar um fim não possui o mesmo sentido de botar fim do exemplo anterior. Ou seja, na primeira construção, há acepção de “excluir algo”. Pode ser o elemento nominal determinado pelo artigo, a ação se especializa, focalizando o elemento nominal. Já na segunda construção, o sentido corresponde a “*finalizar algo*”, sendo que o foco não recai sobre o elemento nominal, mas sobre a construção como um todo.

Vejamos a descrição do nível 5 de integração.

Quadro 17: nível 5 de integração**BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 5 [+ integradas]**

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou obrigatoriamente determinado, possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal.
5. Impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

As construções *botar fé*, *botar no ralo*, *botar defeito*, *botar no mato*, *botar dificuldade* retiradas de nossos *corpora*, encaixam-se no nível 5 de integração.

(72) “Na hora não botei muita fé que era da **Band** (Google-
<http://www.band.com.br/entretenimento/tv>)

(73) Mas tenho uma ressalva: o Schumacher pode sim *botar* todas as suas conquistas **no ralo** se continuar com atitudes como a do GP da Hungria, quando poderia ter . (Google-
<http://www.band.com.br/entretenimento/tv>)

(74) quase trinta anos... () que ele casasse... (era um garçom) pra ninguém **botar defeito...**
(NORPOFORT- inq 11)

(75) ai essa... a senhora não que vender de jeito nenhum?quero não... **para botar no mato** não né... só se eu achasse uma venda BOA nela né (NORPOFORT- inq 18)

(76) ai foi sua tia não... não botou {não... **botou dificuldade** não (NORPOFORT- inq 29)

De acordo com os exemplos destacados acima, é possível observar que esse nível de integração reúne construções que se apresentam mais integradas. Conforme podemos observar, de acordo com os aspetos que caracterizam esse nível, o elemento

não verbal não se apresenta modificado (*botar defeito*) ou pode ocorrer com elementos menos determinados, como, por exemplo, os intensificadores (*botei muita fé*) ou há ainda a possibilidade de inserir elementos intensificadores (*botar **muita** dificuldade*); o elemento não verbal pode ainda ser substituído por outro item nominal (*botar fé-crença*) / (*botar **no ralo- no lixo***) / (*botar **defeito- dificuldade***) / (*botar **no mato- no lixo***). Nas expressões *botar no ralo/ botar no mato* há a presença de um sintagma prepositional em que o nome apresenta-se obrigatoriamente determinado. Contudo, se retirássemos o determinante, **botar em ralo* ou **botar em mato*, o sentido da construção seria alterado, ou seja, não seria o mesmo que *desperdiçar algo*.

Devido a um grau maior de integração entre os elementos da perífrase, não é possível substituir a construção por uma forma simples cognata.

A seguir, passamos a descrição do nível de integração 6.

Quadro 18: nível de integração 6

BOTAR + SN: NÍVEL DE INTEGRAÇÃO 6 [+ integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e sem possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou obrigatoriamente determinado, possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não verbal.
5. Impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

As construções *botar nos eixos*, *botar pilha*, *botar na cabeça* retiradas de nossos *corpora*, encaixam-se no nível 6 de integração.

(77) inclui o Ministério da Fazenda, acredita que os dois pontos de aumento na taxa básica desde abril já foram suficientes para *botar* a inflação **nos eixos**. ... (Google-<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia>)

(78) Quero agradecer ao Rico de Souza por estar desenvolvendo algumas linhas de SUP altamente funcionais junto comigo e também ao Dedé Paranoid, que **botou** muita **pilha** para que eu viesse participar deste evento" (Google-<http://ricosurf.globo.com/Noticias>)

(79) Tem que ter confiança, jogar o melhor do seu futebol e *botar na cabeça* que daqui a pouco tem uma Copa do Mundo no nosso país e vai ter essa cobrança". (Google-<http://ricosurf.globo.com/Noticias>)

No nível 6, é possível observar o grau máximo de integração entre os elementos da construção; as construções apresentam uma maior rigidez formal. No exemplo 77, o elemento nominal *nos eixos* apresenta-se obrigatoriamente no plural, pois *botar no eixo* possui outro sentido, diferenciando-se da forma plural que significa “*endireitar, corrigir o rumo*”. No que se refere ao determinante do elemento nominal, também se faz obrigatória sua configuração, pois a ausência do artigo implicaria a mudança de sentido da perífrase: * “*botar em eixo*”. Na construção *botar na cabeça*, que equivale a “*compreender algo*”, ocorre o mesmo, a ausência do determinante implicaria alteração de sentido, * “*botar em cabeça*”. Devemos considerar ainda que o artigo perde o caráter referencial, determinante, passando a ser um elemento fixo e obrigatório na construção. Em suma, essas construções já estão se fixando obrigatoriamente no léxico e a ausência de um elemento acarreta alteração no significado da construção. Há, nesse nível de integração, uma fixidez formal mais elevada, conforme pudemos observar através dos exemplos dados.

De acordo com os aspectos que caracterizam esse nível, verificamos que o elemento não verbal apresenta-se obrigatoriamente determinado (*nos eixos/na cabeça*) ou ocorre com elementos menos determinados, como, por exemplo, os intensificadores (*muita pilha*). Devido a um grau maior de integração entre os elementos da perífrase, não é possível substituir a construção por uma forma simples cognata.

Percebemos ainda, no grau 6, que essas construções se caracterizam por sua fixidez e opacidade semântica, sendo possível identificar essas perífrases como já em processo de lexicalização. Assim, o sentido da sequência *botar pilha* não é previsível a partir de *botar* [= *pôr/ colocar*] e de *pilha* [= objeto que transforma energia química

em energia elétrica]. De fato, temos aqui uma combinatória cristalizada com o significado de <*incentivar*>. Podemos afirmar que essas expressões estão se fixando na língua, e a ponto de poder fazer parte do acervo do léxico, pois não se trata de uma combinatória discursiva qualquer. Em parte isso se explica porque nas construções com verbo-suporte o núcleo da significação não é mais redutível ao verbo, estende-se a seus complementos. Esse núcleo funciona como pivô para uma interpretação da construção.

É importante destacarmos que a aceitação e a institucionalização por parte do falante dessas construções será feita de forma arbitrária, por isso estamos diante de um fenômeno de lexicalização. O verbo se gramaticaliza formando uma construção que entrará para o acervo da língua por um processo de lexicalização. Temos, portanto, dois fenômenos aparentemente contrários e dicotômicos acontecendo ao mesmo momento e no mesmo elemento linguístico, mas com focos e funções diferentes.

A incorporação do fenômeno da lexicalização em estudos que abordam a gramaticalização é de grande importância, pois esses fenômenos não são excludentes, podem ocorrer conjuntamente em um determinado caso. Trata-se de um assunto que merece maior atenção em trabalhos futuros.

Em suma, constatamos diferenças no comportamento das construções com verbo-suporte, o que nos permitiu traçar seis níveis de integração. Em função do comportamento sintático, os compostos lexicais não acusam o mesmo grau de integração, admitindo determinação, quantificação, adjetivação, intensificação, consoante os casos. É relevante observarmos que a fixidez e opacidade formais acompanham fixidez e opacidade semântica, pois, conforme vimos, o grau máximo de integração entre os elementos demonstra certo nível de desbotamento semântico.

Em nossos *corpora*, encontramos ainda construções com *botar* que possuem uma configuração sintático-semântica particular. O verbo serve de suporte para marcar noções de categorias verbais, tais como tempo, modo, aspecto, número e pessoa. Contudo, diferenciando-se do verbo-suporte, é mais esvaziado semântica e lexicalmente, integra as construções cristalizadas. É o que ocorre nos exemplos (80) – (82) a seguir.

(80) Em 1973 **botou o pé na estrada**, rumo ao Rio de Janeiro, convicto de sua vocação musical. Inicialmente gravou músicas de outros compositores para novelas. (Google- <http://www.alemtemporeal.com.br>)

(81) Vale a pena lembrar o caso do deputado Ciro Gomes, o único que ousou **botar as manguinhas prá fora** (Google- <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia>)

(82) famoso pelos deslizes com sua produção. O apresentador ainda criticou a repercussão do caso dizendo que tem gente que gosta de "**botar lenha na fogueira**". (Google- <http://diversao.terra.com.br/tv/noticias>)

Nos exemplos destacados acima, *botar* encontra-se esvaziado léxico-semanticamente, compõe uma expressão cristalizada. Em (27), a expressão como um todo “botar o pé na estrada” equivale a “viajar”, temos uma expressão metafórica, pois não se trata propriamente de pôr o “pé”, parte do corpo humano, em uma estrada, mas, sim, de uma expressão muito recorrente na fala para indicar que um sujeito está viajando. O mesmo ocorre com “botar as manguinhas pra fora” e “botar lenha na fogueira”, são expressões metafóricas que indicam uma determinada ação “demonstrar determinada intenção” e “atizar algo”, respectivamente.

Há ainda construções que deixam de transparecer a relação entre o significado e a imagem aludida, mesmo que metaforicamente. Nesse caso, o sentido é totalmente arbitrário, por exemplo:

(83) Quem **botava boneco** em todas as mesas era o Rosemberg Cariry. Talvez ele tenha sido o mais chato dos bêbados, quem sabe, até mais que eu, ... (NORPOFORT- inq 46)

A expressão “botar boneco” encontra-se lexicalizada, pois não se consegue apreender o significado do todo através do significado das partes da construção. Não se trata de “botar um brinquedo – boneco – em algum lugar”, mas, sim, de uma expressão que, como um todo, indica “causar confusão”.

Nos exemplos acima, as expressões são opacas a todas as propriedades sintáticas que caracterizam uma construção com verbo-suporte. Essas expressões são caracterizadas como um bloco unitário, fixo e cristalizado semântica e sintaticamente, em que apenas o verbo pode variar flexionalmente.

Conforme pudemos verificar, há diferentes subtipos de estruturas que envolvem as construções com verbo *botar*. Há sequências de unidades lexicais que são

semanticamente transparentes (*botar culpa, botar dificuldade*) e admitem um grau de variação formal que contrasta com outros compostos sintáticos marcados por maior rigidez configuracional e opacidade semântica (*botar banca*).

7.2. Uma cadeia de gramaticalização

Com base na aplicação de alguns parâmetros ou estágios de gramaticalização propostos por Heine *et alii* (1991) e Hopper (1991), é possível desenvolver uma análise mais acurada das categorias depreendidas dos *corpora*:

a) divergência: o uso de *botar* em diferentes categorias, ou seja, uma mesma forma, de acordo com o contexto, pertence à categoria mais lexical de verbo predicador, pleno ou estendido e à categoria gramatical de verbo-suporte.

(84) Segundo o estudo, mesmo o ato de **botar** um aparelho no bolso não faz com que as manchas desapareçam; é preciso limpar a tela com frequência para não deixar ... (Google-<http://www.alemtemporeal.com.br>)

(85) Então, fica fácil pegar um pouco de cada um para quando for treinador e botar **em prática**. Vou ser ofensivo. (Google-<http://portalexame.abril.com.br/rede-de-blogs>)

b) manipulação conceitual: o sentido transferencial da categoria fonte de *botar* (verbo predicador pleno) é modificado ao longo do processo de gramaticalização e a sua forma mais gramaticalizada (verbo-suporte/ item gramatical) chega a indicar uma noção geral de ação/atividade.

(86) Ele (Lula) é mestre me **botar a culpa** na vítima, assim como fez em Cuba, quando comparou um preso político a um criminoso comum e disse que ele se matou. ... (Google-<http://noticias.terra.com.br/eleicoes>)

(87) famoso pelos deslizes com sua produção. O apresentador ainda criticou a repercussão do caso dizendo que tem gente que gosta de "*botar lenha na fogueira*". (Google-<http://diversao.terra.com.br/tv/noticias>)

c) estratificação: novas formas coexistem com as antigas em um mesmo domínio funcional. Percebe-se que o verbo-suporte *botar* e morfemas formadores de verbo

(“-ar”, “-ear”, “-ejar”), “-ficar”, sem ou com sufixo derivacional, são recursos do sistema para se constituírem “unidades verbais” a partir de nomes (*pressão – botar pressão / pressionar, culpa – botar culpa / culpar, prática – botar em prática/ praticar*)

d) persistência: o verbo predicador estendido continua a constituir o núcleo predicante da sentença e a apresentar comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicação. O verbo-suporte, apesar de se diferenciar semanticamente da categoria de verbo predicador, conserva a propriedade de interferir na seleção de argumentos ainda que partilhe essa função com o SN e este seja o principal responsável por esse papel. É o que observamos em (88) – (89) abaixo:

(88) Já pensou se a gente **botasse** aquele saiotinho de penas? Uau! (Google-<http://www.band.com.br/entretenimento/tv>)

(89) Ele (Lula) é mestre me **botar a culpa** na vítima, assim como fez em Cuba, quando comparou um preso político a um criminoso comum e disse que ele se matou. ... (Google-<http://noticias.terra.com.br/eleicoes>)

e) assimetria entre forma e significado: a forma fonte de verbo predicador *botar* passa a veicular acepções distintas à medida que o processo de gramaticalização avança, tornando-se um item polissêmico. O fato de uma determinada forma ser empregada em um maior número de contextos gera o aumento de sua produtividade e o seu esvaziamento semântico (dessemantização), podendo chegar à mudança categorial (o caso do verbo-suporte).

f) especialização: a categoria de verbo-suporte *botar* especializou-se nas funções de verbalizar nomes e de focalizar a noção geral de atividade.

g) decategorização: o verbo predicador *botar*, ao passar à categoria de verbo-suporte, deixa de ser o núcleo semântico da predicação e não apresenta mais a propriedade de ser seu único núcleo sintático, pois compartilha esta função com o SN que o acompanha. Logo, alguns processos morfossintáticos da categoria de origem modificam-se na categoria alvo, gramaticalizada.

h) perda de autonomia: *botar* (no papel de verbo-suporte) liga-se a um SN com o qual forma um predicador complexo, cujos componentes mantêm maior ou menor integração; disso resulta que a forma verbal, além de compartilhar a função de projetar argumentos com o SN, deixa de ser o núcleo semântico da predicação, função exercida pelo SN.

(90) O funcionário ainda disse aos agentes que ele fugiu a pé, em direção à via Dutra, após **botar fogo** no veículo. (Google- <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticia>)

(91) Victor aproveitou as oportunidades para **botar** em prática os ensinamentos do curso de assistente de fotografia "Vik Muniz ea cognição do olhar", ... (Google- <http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv>)

Em suma, podemos afirmar que o processo de gramaticalização do verbo *botar* se dá em dois níveis:

1. Em primeiro lugar a mudança acontece no plano semântico: o verbo sofre perda do seu sentido concreto original de denotar espaço e movimento, passando por contínuas abstratizações. A expressão pode se fixar sintaticamente ou não a depender do seu uso.
2. Sofrendo ou não mudança sintática, a combinação verbo + parte nominal torna-se, por força do uso, uma expressão única correspondente a um verbo. A depender do grau de repetição por parte do falante, essa fixação sintático-semântica aumenta, trazendo consigo mudanças na expressão com um todo. O verbo sofre “esvaziamento semântico” transferindo sua capacidade de predicação para a parte nominal, que perderá sua função inicial de referencialidade e passará a ser o núcleo da predicação. O verbo se gramaticaliza, sendo responsável somente por funções gramaticais, enquanto o nome será responsável pelo estabelecimento da área temática da construção. À medida que a fixação aumenta, as possibilidades de combinação e de variação sintática diminuem, e a parte nominal deixa de ser um argumento do verbo para ser parte inerente deste.

8. Testes de atitudes referentes ao fenômeno de gramaticalização de *botar*: verbo-suporte

8.1. Objetivo dos testes

Objetivamos, com a aplicação dos testes relacionados ao fenômeno de gramaticalização de *botar*: i) checar os principais parâmetros que influenciam na delimitação do grau de integração de algumas estruturas dos *corpora*, quais sejam: anteposição do SN, substituição do *botar* por outro item. Foram selecionadas apenas estruturas que geraram dúvidas no momento da definição dos níveis de integração. ii) verificar se fatores extralinguísticos como a região onde o falante habita, influenciará nas escolhas linguísticas dos informantes. iii) observar se determinadas construções com verbo *botar* na variedade cearense podem ser consideradas casos de regionalismo.

8.2. Configuração dos testes e análise dos resultados obtidos

Questão 1: análise da frequência de *botar*

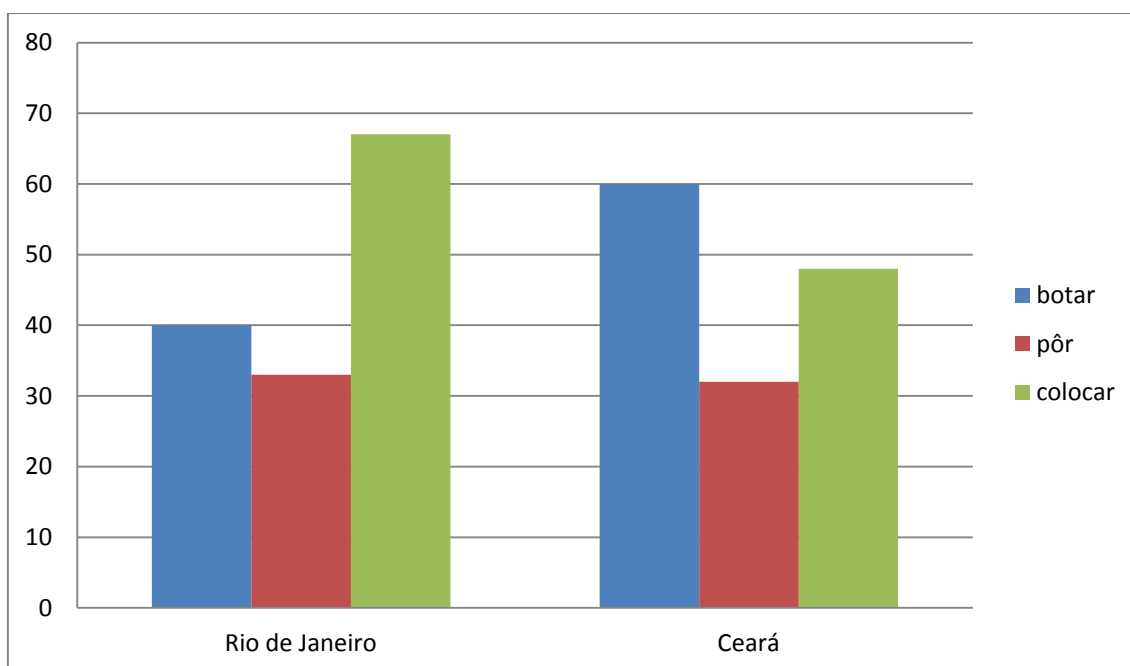
O objetivo da primeira questão do teste de atitude é observar se, de fato, a maior frequência do uso de *botar* pelos falantes da variedade cearense é um caso de regionalismo. De acordo com Halliday (1985), o sistema provê todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas é também a partir dos fatores externos que o falante deverá proceder para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua em situações variadas para atingir diferentes objetivos; desse modo, nossa hipótese foi a de que o contexto extralinguístico, como a região onde o falante habita, influenciará nas suas escolhas linguísticas.

Destacamos, para compor a primeira questão, 14 frases retiradas dos nossos *corpora*. Em cada enunciado, os informantes poderiam escolher uma opção dentre três (*botar/pôr e colocar*). No total, foram selecionados 20 informantes, sendo que esse número foi dividido entre falantes naturais do Ceará (10 informantes) e falantes naturais do Rio de Janeiro (10 informantes).

Tabela 6: variedade regional

Variedade regional	Número de informantes	Distribuição das respostas		
		Botar	Pôr	Colocar
Rio de Janeiro	10	40	33	67
Ceará	10	60	32	48

Conforme pudemos observar, através dos resultados obtidos na tabela acima, os dados confirmam nossa hipótese de que o verbo *botar* é mais usual na variedade cearense. Em seguida, na mesma variedade, o verbo *colocar* é o segundo mais frequente, com 48 ocorrências e, por último, apenas com 32 ocorrências, o verbo *pôr*. Na variedade do Rio de Janeiro, o verbo mais selecionado pelos falantes é o *colocar*, o verbo *botar* consta como o segundo mais frequente. Julgamos que tal resultado se deve ao contexto informal, onde estão inseridos os enunciados analisados, que estimulou a escolha dos itens *botar* e *colocar* pelos entrevistados do Rio de Janeiro, pois o verbo *pôr* é menos comum na oralidade. O gráfico abaixo contrasta as ocorrências dos verbos observados nas duas variedades:

Gráfico 9: variedade regional

Questão 2: aceitabilidade de construções com *botar*

A segunda questão analisa a aceitabilidade de duas construções, *a priori*, caracterizadas como tipicamente cearenses, como forma de checar se essas construções são casos de regionalismo. A questão 2 foi dividida em 3 itens:

2.1. O primeiro item verifica se os informantes são capazes de identificar o sentido lexical das construções *botar boneco*. Foram expostas três opções para que os entrevistados se manifestassem quanto ao sentido dessa construção, ou seja, os informantes poderiam optar entre: (a) causar confusão e (b) colocar um brinquedo (boneco) em cima da mesa e havendo ainda uma terceira opção para os informantes que não compreendessem o sentido da perífrase: (c) não sei responder.

Tabela 7: acepções da expressão “botar boneco”

Acepções da expressão “botar boneco”	Informantes	
	RJ	CE
a) Causar confusão	0	10
b) Colocar um brinquedo (boneco) em cima da mesa	9	0
c) Não sei responder	1	0

A expressão *botar boneco*, como uma construção lexicalizada, significa “*causar confusão*”. Dentre os informantes cearenses, todos identificaram essa construção como um item lexical de significado unitário. Dentre os 10 entrevistados cariocas, nenhum identificou a construção com o valor lexical de “*causar confusão*”, ou seja, a expressão como uma estrutura fixa de caráter representacional e apenas 1 informante não soube se posicionar a respeito.

2.2. O segundo item checa se os informantes são capazes de identificar o sentido lexical da construção “*botar banca*”.

Tabela 8: acepções da expressão “botar banca”

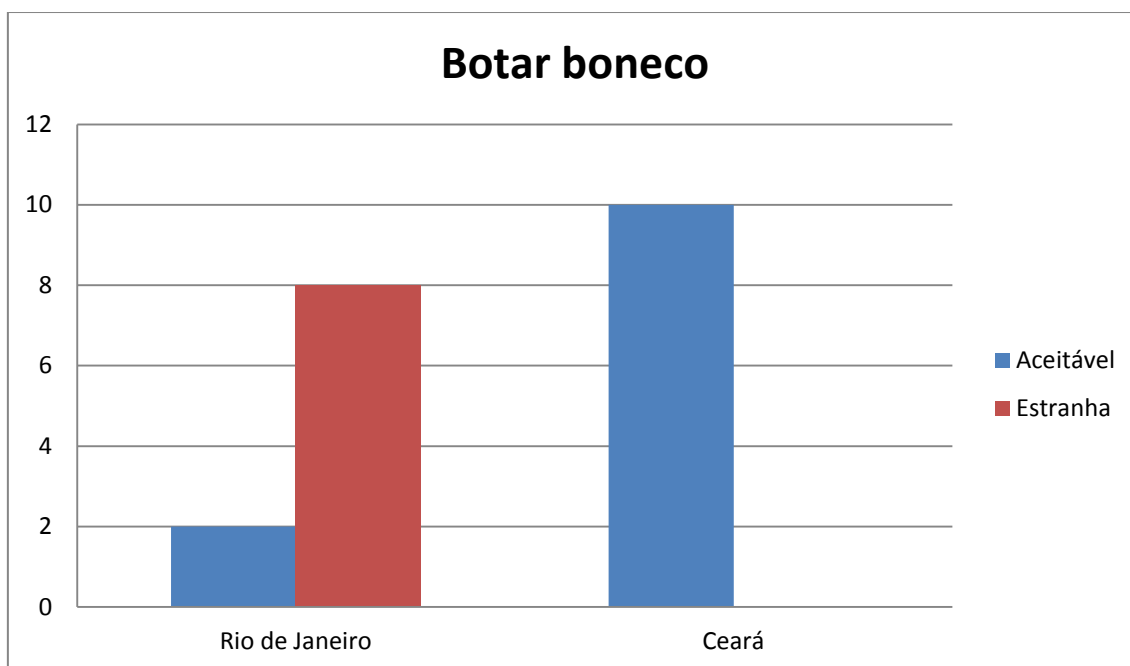
Acepções de a expressão botar banca	Informantes	
	RJ	CE
a) Causar dificuldade	3	10
b) Construir uma banca	6	0
c) Não sei responder	1	0

A expressão *botar banca*, como uma construção lexicalizada, significa “*encontrar dificuldade*”. Dentre os informantes cearenses, todos identificaram essa construção como um item lexical de significado unitário. Tal resultado evidencia que, assim como *botar boneco*, a expressão faz parte do conhecimento lexical¹³ dos informantes da variedade cearense. Dentre os 10 entrevistados da região do Rio de Janeiro, 7 não identificaram a construção com o valor lexical de “*causar dificuldade*”. Apenas três informantes reconheceram a expressão como uma estrutura fixa de caráter representacional. A partir do resultado da pesquisa, observamos que a expressão *botar banca*, assim como a expressão *botar boneco*, pode também ser um caso de regionalismo cearense.

2.3. O último item da questão 2 observa como os falantes avaliam as construções *botar banca* e *botar boneco*.

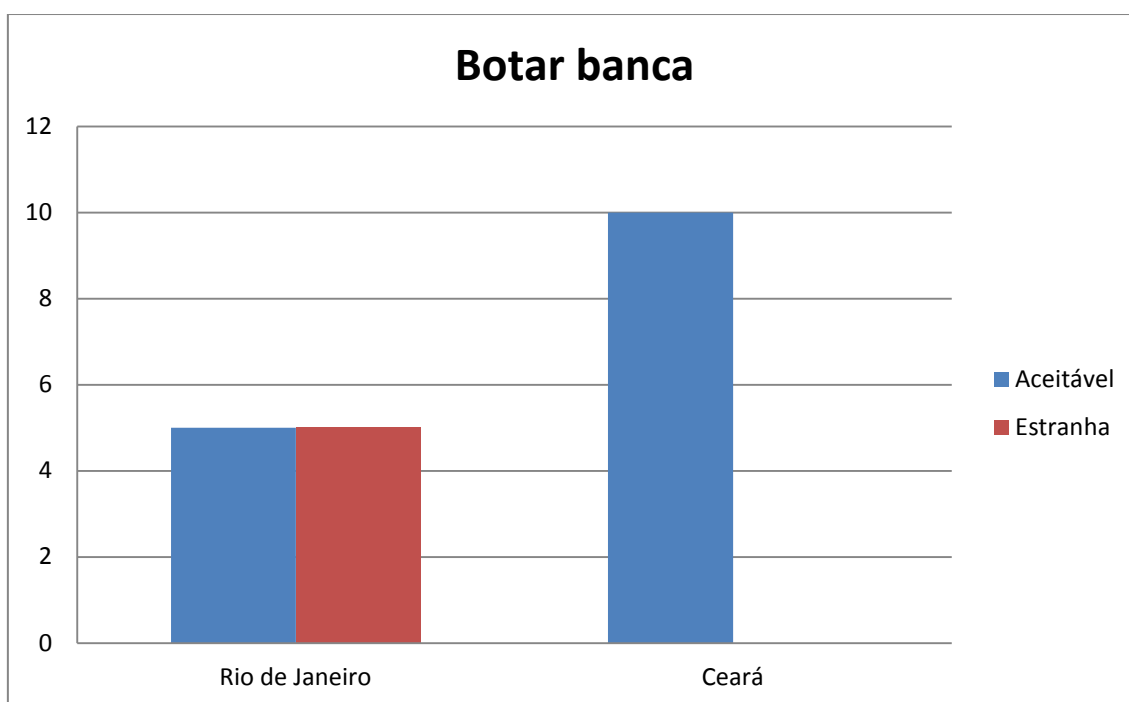
Nesse item, os falantes deveriam se posicionar quanto à opção (aceitável/ estranha) que fosse mais adequada para julgar, de acordo com o seu conhecimento lexical, a construção.

¹³ É importante destacarmos que o conhecimento lexical possuído pelos falantes inclui não somente informações a respeito de elementos monomorfêmicos ou de palavras polimorfêmicas, mas também informações sobre construções idiossincráticas, ou seja, estruturas formadas por várias palavras em seqüência.

Gráfico 10: avaliação da expressão “botar boneco”

Na variedade do Rio de Janeiro, a expressão *botar boneco* foi considerada aceitável por apenas 2 entrevistados, enquanto que, na variedade cearense, todos os informantes julgaram a construção aceitável. Tal resultado confirma o item 2.2, pois houve uma mesma proporção quanto à aceitação da construção, ou seja, os informantes que julgaram a estrutura como uma unidade lexical, referencial, também consideraram-na aceitável quanto à forma.

Contudo, a expressão *botar banca*, que, anteriormente, havia sido considerada como uma construção não lexical pela maioria dos entrevistados, já foi julgada aceitável pela metade dos entrevistados; ou seja, embora os informantes não reconhecessem a construção como um bloco significativo, eles a consideraram aceitável. A metade dos informantes que marcou a opção “aceitável” julgou essa estrutura como sendo gramatical, possível de ocorrer, embora não reconheçam o valor lexical da construção.

Gráfico 11: avaliação da expressão “botar banca”

Questão 3: permuta do elemento não-verbal

A terceira questão verifica se os informantes consideram aceitável, quanto ao sentido, a permuta do elemento não-verbal da perífrase. Seleccionamos 5 construções com o verbo *botar* e verificamos três possibilidades quanto à posição do elemento nominal: aceitável / estranha / não-aceitável.

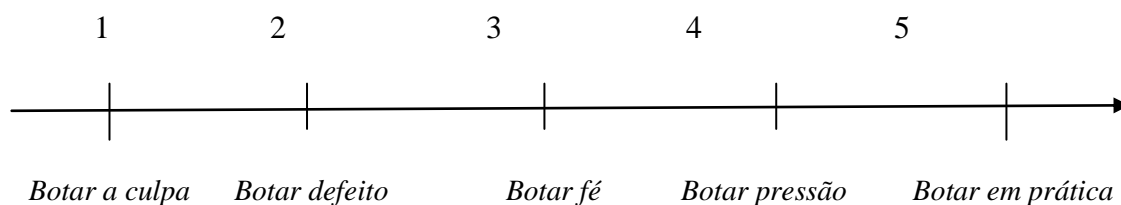
Tabela 9: avaliação da mobilidade do SN/SP

	Defeito não botar	Fé botar	A culpa botar	Em prática botar	Pressão botar
Aceitável	5	3	7	3	3
Estranha	10	7	9	15	9
Não aceitável	5	10	4	2	8

Os resultados da tabela acima mostram que os informantes consideram estranha a maior parte das construções cujo elemento não-verbal aparece anteposto ao verbo,

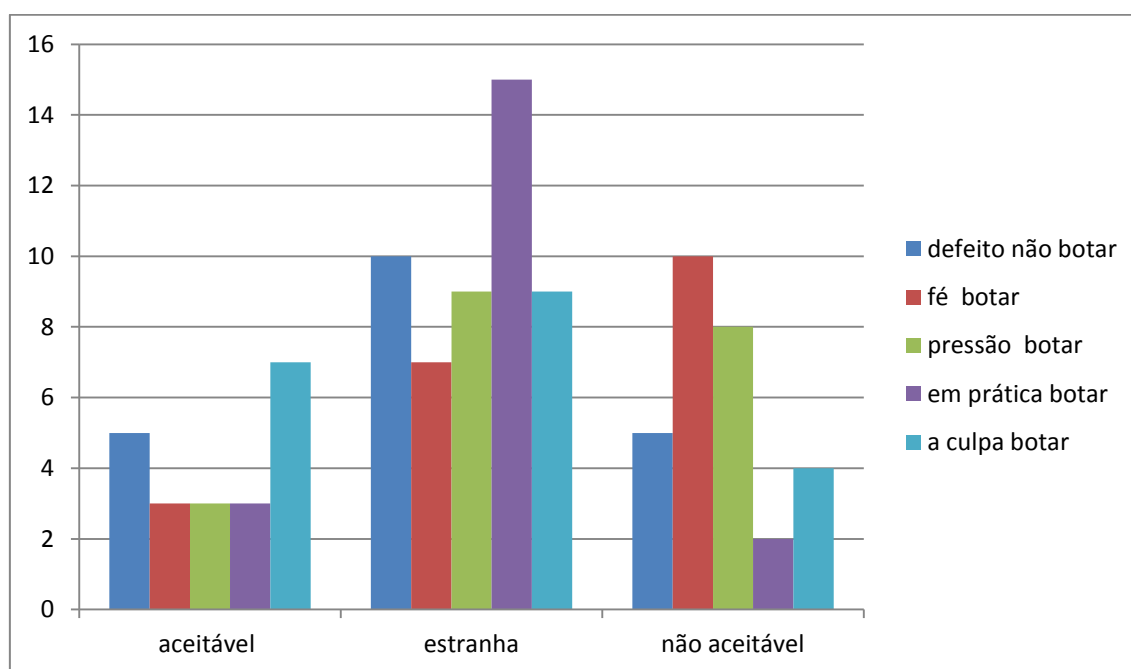
evidenciando que essas estruturas estão em processo de fixação sintático-semântica na língua.

Figura 3: Construção com verbo-suporte



De acordo com as respostas dos entrevistados, podemos traçar uma escala onde o número 1 representa a construção onde a mobilidade ainda é admitida por quase a metade dos informantes e, no outro extremo, temos as construções *botar em prática*, *botar fé*, *botar pressão*, cuja mobilidade do elemento nominal é considerada apenas por 3 informantes. Vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 12: avaliação da mobilidade do SN/SP



Em suma, de acordo com a nossa discussão, podemos traçar algumas considerações em relação ao léxico. O léxico é o nível da língua que mais perfeitamente

conserva o saber linguístico de um povo como também representa a maneira como uma comunidade exterioriza e organiza o seu mundo.

Não podemos negar o caráter heterogêneo das línguas, de acordo com a localização geográfica e pelo contexto sociocultural de seus falantes, por exemplo, diferentes variedades linguísticas são apresentadas numa mesma língua.

Convém ressaltar que indivíduos, na aprendizagem de sua função social, adquirem sua identidade cultural intermediados pelo processo de comunicação. Então, esse processo seleciona os diversos comportamentos do indivíduo, com relação ao que fala, onde, em que momento e como se diz, pois, ao falar, sua estrutura social é reforçada, formando a identidade cultural peculiar do indivíduo, visto que seu modo de falar é identificado com a maneira de viver do grupo social e da localidade em que mora.

Levando em conta as observações feitas acima, identificamos em nossos *corpora* expressões que são reconhecidas com maior facilidade por falantes cearenses, conforme expomos, pois essas construções foram criadas e fixadas na variedade cearense, por isso um falante de outra região pode ter dificuldade de reconhecer determinadas expressões, pois estas não fazem parte da sua realidade. Desse modo, devemos afirmar, de acordo com Castilho (2010), que há uma estreita relação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção linguística.

CONCLUSÃO

A presente dissertação permitiu-nos discutir e aprofundar postulados teóricos sobre o processo de gramaticalização, por meio da descrição e análise do comportamento sintático e semântico do verbo *botar* em construções *botar* + SN e de formações com esta estruturação que atuam sintático- semanticamente, como unidades verbais. Com a concepção funcionalista de que a língua é instrumento de interação social entre seus fundamentos, destaca-se a influência do contexto comunicativo nas escolhas dos itens linguísticos.

O preenchimento de lacunas, por exemplo, a falta de um consenso dos autores no que se refere à definição da categoria de verbo-suporte, deixadas em suspenso por obras da literatura, permearam os interesses deste trabalho. Desse modo, iniciamos nosso trabalho expondo algumas definições de verbo-suporte apresentadas por alguns linguistas e, em seguida, traçamos um conceito operacional desse fenômeno.

No exame feito em obras lexicográficas, *botar* é descrito, na maioria das obras pesquisadas, apenas como verbo predicador (“principal”) em construções *botar* + SN, diferentemente do que já se reconhece em obras de orientação teórico-descritiva e pesquisas linguísticas que levam em conta a possibilidade de *botar* apresentar um comportamento mais gramatical (categoria de verbo-suporte).

A investigação criteriosa sobre as propriedades de seleção de *botar* e seu comportamento sintático-semântico em construções *botar* + SN contou com dados pertencentes a *corpora* escritos e orais, fato que forneceu subsídios para se descreverem diferentes empregos de *botar* nesse tipo de estrutura e, assim, se delinear uma cadeia de gramaticalização de *botar* (de verbo predicador a verbo-suporte). Demonstrou-se que a gramaticalização é o processo responsável pela transferência categorial gradual de *botar* de verbo predicador a verbo-suporte. Neste *continuum*, sobressai o parâmetro de persistência (HOPPER, 2001), segundo o qual, durante esse processo, o item manifesta traços da forma fonte e da forma alvo, o núcleo sintático-semântico da predicação, e como verbo-suporte, forma semi-gramatical que compartilha a função predicante com o SN.

Ao pertencer à categoria de verbo-suporte, o verbo *botar* constitui mais um recurso do sistema (cf. parâmetro de estratificação), além de morfemas formadores de verbo, para derivar “unidades verbais” a partir de nomes, para verbalização.

Destacam-se os seguintes resultados em relação à frequência de ocorrência do verbo *botar*:

i) averiguando-se a produtividade do item verbal em estudo por cada uma das duas variedades regionais (Rio de Janeiro e Ceará), constatamos que *botar* é mais produtivo na norma popular oral do Ceará.

ii) Com relação à modalidade expressiva, na norma popular, houve uma maior ocorrência do verbo *botar* na categoria de predicador pleno, 44,3%, contudo, não houve uma diferença significativa em relação à categoria do predicador estendido, 45,4%. Em menor frequência, observamos a ocorrência do verbo nas categorias de verbo-suporte, 10,3%, evidenciando que esse verbo está em um processo inicial de gramaticalização. No português oral culto de Fortaleza, constatamos uma frequência menor do verbo *botar*, confirmando nossa hipótese de que o processo de gramaticalização é mais lento na modalidade culta, embora, mesmo em menor quantidade, já haja indícios de gramaticalização.

iii) Verifica-se que, na modalidade escrita, a categoria de verbo predicador estendido sobressai com relação às outras, seguida da categoria de verbo-suporte, que já apresenta uma frequência maior, se comparado com os usos dele nos outros *corpora* analisados. Tal resultado se deve ao fato de que muitas das estruturas com *botar* carregam traços de informalidade.

iv) Após uma análise geral de ocorrências dos séculos XIX e XX, constatamos que há um aumento da frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos. Tal fato confirma que esse verbo está em processo de gramaticalização contínuo, o que nos leva a afirmar que, de acordo com Bybee (2003), a frequência de uso dos itens ou construções aumenta radicalmente conforme a gramaticalização se desenvolve graças ao aumento dos tipos de contexto nos quais o novo item ou construção se torna apropriado.

Analisamos ainda o fenômeno de gramaticalização por que esse verbo passa. Por meio de uma análise qualitativa dos *corpora*, vemos que as estruturas complexas com *botar* reúnem construções cujos componentes (verbo-suporte + elemento não-verbal)

apresentam seis graus de integração. A descrição de cada um desses níveis (com os parâmetros definidos na análise e os exemplos extraídos dos *corpora*) explicitou que o verbo *botar*, na categoria de verbo-suporte, pode fazer parte tanto de estruturas mais integradas quanto de estruturas menos integradas, de acordo conforme essas construções se aproximam ou se distanciam do protótipo de uma construção com verbo-suporte.

As construções cujo grau de integração é menor são aquelas que representam as mais próximas do protótipo de construções com verbo-suporte. Nas perífrases que se enquadram no grau máximo de integração, é possível observar o grau máximo de integração entre os elementos da construção; as construções apresentam uma maior rigidez formal. Percebemos, ainda, no grau 6, que essas construções se caracterizam por sua fixidez e opacidade semântica, sendo possível identificar essas perífrases como em adiantado processo de lexicalização.

Aplicamos ainda um teste de atitude relacionado ao fenômeno de gramaticalização de *botar*. A partir das análises dos resultados desse teste, concluímos que: (i) as construções com verbo-suporte *botar* apresentam graus de fixidez sintático-semântico, o que faz com que a maioria dos informantes julgue estranha a anteposição do elemento não-verbal; (ii) o fator geográfico, como a região onde o falante habita, influencia na escolha do item *botar*; (iii) determinadas construções com verbo *botar* (*botar boneco* e *botar banca*) são exemplos de regionalismo.

Esta dissertação fornece contribuições nos seguintes aspectos:

i. Teórico-metodológico, no que diz respeito (a) à possibilidade de um item linguístico determinado enquadrar-se em diferentes categorias funcionais; (b) à relação existente com outros itens linguísticos, levando-se em conta as dimensões estrutural, semântica e discursivo-pragmática; e (c) à formação e expressão de predicadores complexos.

ii. Descritivo, ao registrar os empregos de *botar* e estabelecer as características pertencentes a cada função exercida por esse item verbal, mediante uma variedade de *corpora*.

iii. Explicativo, ao interpretar as predicções com *botar*, bem como procurar traçar a rede de relações entre as extensões de sentido desse verbo e estabelecer diferentes graus de integração entre o verbo-suporte *botar* e o elemento não-verbal.

No que se refere aos estudos já existentes, esta pesquisa contribui para melhor apreciação do verbo em análise na língua portuguesa, principalmente quanto à definição da categoria de verbo-suporte, traçando um conceito operacional dessa categoria. Além disso, torna-se relevante por haver poucos estudos acerca desse item verbal, o que faz com que essa investigação seja uma fonte a mais para pesquisas com itens verbais afins.

Ainda há muito que pesquisar sobre a configuração sintático-semântica de construções como *botar*+SN. Um dos temas que podem ser revistos e, por conseguinte, podem gerar novos estudos, diz respeito ao limite entre a lexicalização dessas estruturas e a gramaticalização do item verbal *botar*.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. Aulete Digital – **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, vs online, acessado em 25 de julho de 2009.

BASILIO, Margarida M. M. P. *et alii*. A não delimitação das unidades lexicais. In: Claudio Cezar Henriques. (Org.). **Linguagem, conhecimento e aplicação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Europa, 2003.

BIDERMAN, M. **Teoria Linguística – linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BORBA, F. S. **Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP, 1990.

_____. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo, SP: Ática, 1997

_____. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo, SP: Ática, 2002

BRINTON, L. J e TRAUGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. 207 pp. Paperback.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Joseph, Brian & Janda, Richard (eds). **A handbook of historical linguistics**. Blackweel, 2003.

CASTILHO, A.T. de. **A gramaticalização**. Estudos Lingüísticos e Literários 19: 25-63, 1997.

_____. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**. Novos dados, novas análises. Salvador: Edufba, v. 6, p. 223-296, 2006.

ESTEVEVES, G. A. T. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado (2008)

FERREIRA, A. B. O. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2000.

FORTUNATO, I. V. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. **Domínio de Linguagem**, Ano 3, n° 1 – 1° Semestre 2009.

GOMES, N.S. Alguns princípios da teoria formal em Letras: o caso dos verbos leves: no português do Brasil. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Formação em Letras e Pesquisa em Linguagem.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** New York, Edward Arnold, (1985).

HEINE, B. ; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework.** Chicago: University of Chicago Press, 1991.

_____. **Auxiliaries: cognitive forces and gramaticalization.** New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____. In: JOSEPH , B. & JANDA, R. (eds). **A handbook of historical linguistics.** Blackweel, 2003, p. 575 – 601.

HOPPER, P. J. On some principles of Grammaticalization. In:TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. (eds.). **Approaches to grammaticalization**, Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1991, p. 16-35.

HOPPER, P. J. & THOMPSON, S.A. **Transitivity in grammar and discourse.** Language 56 (2), 1980.

HOPPER, P. J & TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Transitivity, clause, structure and argument structure: evidence from conversation.** In BYBEE, J. & HOPPER, P. Frequency and the emergence of linguistic structure. Amsterdam, John Benjamins, 2001.

HOUAISS A.; VILLAR M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAPA, R. **Estilística da língua portuguesa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972, p. 62-68.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISHER, Ilse & DIEWALD, Gabriele. **New reflections on grammaticalization. Typological studies in language,** 2002, 1949: 1-19.

LYONS, John (1996). **Linguistic semantics: an introduction.** Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press.

MATEUS et alii. **Gramática da Língua Portuguesa.** 5ª ed. rev. ampl. Lisboa: Caminho, 2003.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NEVES, M.E.M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: UNESP, 2000, p.53-61.

_____. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. G. Villaça (org.). **Gramática do Português Falado.** Campinas, SP: UNICAMP/FAPESP, 1996.

_____. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. In: _____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino.** São Paulo: UNESP, 2002, p.189-206.

NICHOLS, J. **Functional theories of grammar**. Annual Review of Anthropology, 1984 v. 43: p. 97-117.

PORTELA, K.L. **DAR medo; FAZER pesquisa; TER orgulho: perífrases de uma dissertação**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2004.

SCHER, A. P. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? MÜLLER, A. L; NEGRÃO, E. V; FOLTRAN, M. J. (orgs). **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em –ada no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

VIEIRA, M.S.M. (2003) “Caracterização do comportamento multifuncional de fazer”. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo & MOTA, Maria Antónia (orgs). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro: In-Fólio.

ANEXO

TESTE DE ATITUDE

Orientações

Leia atentamente as questões antes de responder. Não se preocupe em dar uma resposta “correta”. Não consulte o colega ou material. O questionário é absolutamente individual.

1. Marque um (X) em uma das opções abaixo que, EM SUA OPINIÃO, melhor completa os espaços em branco:

a) Ao pegar o dinheiro e _____ no bolso, os policiais apareceram e deram voz de prisão. Ele foi atado por crime de concussão, com pena que pode chegar a oito.
(a) botar (b) colocar (c) pôr

b) O guarda _____ o pé no pescoço do suspeito durante alguns minutos. A mulher que perdeu o aparelho celular pergunta pelo telefone.
(a) botar (b) colocar (c) pôr

c) Com uma expressão nada amigável, Rosa _____ seu marido de pernas trançadas num táxi e o levou embora da farra
(a) botar (b) colocar (c) pôr

d) As pessoas têm usado os sacos também para _____ o lixo que produzem na praia
(a) botar (b) colocar (c) pôr

e) _____ muito político na cadeia, fruto dessa política nefasta, que existe no país há muitos anos.
(a) botar (b) colocar (c) pôr

f) Que piração foi essa de _____ a final da Copa do Brasil no meio do Brasileiro?
(a) botar (b) colocar (c) pôr

g) O capitão do Flamengo (assim como o resto do time) precisa entender o que significa ocupar esta posição. Não basta _____ uma camisa e/ou uma faixa no ombro. ...
(a) botar (b) colocar (c) pôr

h) Algumas bolas com o Herrera, com o Caio, até com o Antonio Carlos, o time teve um pouco de ansiedade para _____ a bola para dentro. ...
(a) botar (b) colocar (c) pôr

i) Eu nasci aqui no bairro, vivia pelas ruas, até que minha mãe me _____ no salão de barbearia para aprender alguma coisa", conta ele
(a) botar (b) colocar (c) pôr

j) As autoridades esbravejam na tv, pra _____ a culpa exclusivamente no Policial(oq é muito conveniente).
(a) botar (b) colocar (c) pôr

l) Agora, não vai ser fácil _____ em prática as novas medidas. No papel, o Estatuto do Torcedor é perfeito, e estádio, o ministro tem razão, deveria mesmo ser ...

- (a) botar (b) colocar c) pôr
- m) O negócio é _____, brigar mesmo, senão, a obra não sai – adverte ele. – Associação de moradores é muito mais ouvida pelos órgãos do governo do que os próprios moradores.
(a) botar (b) colocar c) pôr
- n) Eu acredito, _____ fé mesmo, que o tudo vai dar certo
(a) botar (b) colocar c) pôr
- o) Vitória e confusão para ninguém _____ defeito.
(a) botar (b) colocar c) pôr

2. Observe a frase abaixo:

2.1. Quem **botava boneco** era o Rosemberg Cariry.

A expressão *botar boneco* significa, na sua opinião:

- (a) causar confusão (b) colocar um brinquedo (boneco) em cima da mesa
c) não sei responder

2.2. A gente botava banca para trabalhar no apartamento dele.

A expressão *botar banca* significa:

- a) causar dificultar (b) construir uma banca c) não sei responder

2.3. Como você avalia as frases abaixo?

a) “botar boneco”

- () aceitável () estranha

b) “botar banca”

- () aceitável () estranha

3. Você, como falante do português, acha aceitável as expressões em destaque abaixo:

3.1. Mulher bonita e comida: combinação para gordo **defeito não botar**

- () aceitável () estranha () não aceitável

3.2. **Fé não botava** que fosse dá certo.

- () aceitável () estranha () não aceitável

3.3 As autoridades esbravejam na tv, pra **a culpa botar** exclusivamente no Policial(oq é muito conveniente).

- () aceitável () estranha () não aceitável

3.4. Então, fica fácil pegar um pouco de cada um para quando for treinador e **prática botar**. Vou ser ofensivo. Quero todo mundo atacando.

- () aceitável () estranha () não aceitável

3.5. O negócio é **pressão botar**, brigar mesmo, senão, a obra não sai – adverte ele.

- () aceitável () estranha () não aceitável